

*era uma vez...
um caracol
que conta*



out.
going
crianças
natureza
e cultura
em relação

*era uma vez...
um caracol
que conta*

FICHA TÉCNICA

Título: *era uma vez... um caracol que conta* | *out going – crianças, natureza e cultura em relação*

Coordenação: **Maria Assunção Folque**

COMUNIDADE DE PRÁTICA

- Ana Cristina Simões** – Agrupamento de Escolas da Baixa da Banheira
Ana Luísa de Oliveira Pires – Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Educação; CICS.NOVA
Ana Rasteiro – Agrupamento de Escolas José Saramago, Jardim de Infância de Lagameças
Andreia Gonçalves – Instituto de Ação Social das Forças Armadas – Centro de Apoio Social do Alfeite
Catarina Vaz Velho – Universidade de Évora – PRAXIS
Elizabete X. Gomes – Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Educação; CIEQV
Fátima Aresta – Centro de Atividade Infantil de Évora –CAIE
Isabel Martins – Associação Tempo de Mudar para o Desenvolvimento do Bairro dos Lóios
Maria Assunção Folque – Universidade de Évora – CIEP-UE
Maria do Carmo Jardim Mendes – Redbridge International School
Maria Ilhéu – Universidade de Évora – MED – CHANGE-UE
Mariana Valente – Universidade de Évora – Instituto de História Contemporânea – UE / IN2PAST
Marta Reis – Colégio Piloto Diese
Rosa Cunha – Agrupamento de Escolas José Saramago, Jardim de Infância de Lagameças
Susana Sousa – Agrupamento de Escolas de Sampaio, Jardim de Infância de Sampaio
Tiago Almeida – Escola Superior de Educação de Lisboa – Instituto Politécnico de Lisboa – CI&DEI – Centre for Studies in Education and Innovation
Vanessa Kene – Associação Tempo de Mudar para o Desenvolvimento do Bairro dos Lóios

EDIÇÃO
© Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora (CIEP | UE), 1.ª edição, Évora, 2025
www.ciep.uevora.pt
Colégio Pedro da Fonseca
Rua da Barba Rala, n.º 1
Parque Industrial e Tecnológico de Évora
7005-345 Évora

DESIGN GRÁFICO
oficina grotesca e Comunidade de Prática

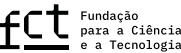
FOTOGRAFIA DA CAPA
Joana Reis

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
VASP – DPS Digital Printing Services
www.vasp.pt

ISBN
Versão impressa: 978-972-778-469-1
Versão eletrónica: 978-972-778-470-7

DEPÓSITO LEGAL: 553627/25

É expressamente proibido reproduzir, na totalidade ou em parte, sob qualquer forma ou meio, esta obra. Autorizações especiais podem ser requeridas para ciep@uevora.pt



Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/o4312/2025

ÍNDICE

FICHA TÉCNICA		4
<i>era uma vez... um caracol que conta – prólogo</i>		6-15
01	<i>Corpo a corpo com elementos naturais</i>	16-25
02	<i>Uma Sombra que me (per)segue</i>	26-35
03	<i>Making Kin – crianças, árvores e pedras em aparentamento</i>	36-51
04	<i>Com as formigas</i>	52-57
05	<i>Caracol-de-Conta</i>	58-83
06	<i>Em (trans)formação com o Mundo</i>	84-99
07	<i>João e Komorebi</i>	100-109
08	<i>Das árvores à mata</i>	110-115
09	<i>Até à “Floresta”...</i>	116-129
10	<i>“Becoming With” o nosso bairro</i>	130-139
11	<i>Está uma abelha na cabeça da Francisca...</i>	140-155
12	<i>Uma viagem em espiral</i>	156-173
13	<i>Wondering</i>	174-183
epílogo		184-191
referências bibliográficas		192-197
em comunidade de prática		198-199

era uma vez... um caracol que conta

prólogo

Num tempo em que a relação entre os seres humanos e o mundo que habitam parece cada vez mais mediada por dispositivos de distanciamento da natureza, dos outros, de nós próprios, é como se, a pouco e pouco, fôssemos perdendo a consciência da interdependência entre nós e o mundo e a capacidade de nos deixarmos afetar, com afeição, por outros elementos que compõem o mundo natural e cultural. A desfetação de que falamos não é um simples afastamento físico ou geográfico: trata-se de uma erosão sensível e ética, de um entorpecimento progressivo da nossa atenção ao mundo.

Na educação de infância, este fenómeno manifesta-se com particular nitidez. As crianças, frequentemente abertas ao encontro, parecem por vezes empurradas para formas de estar que priorizam a normatividade, o desempenho ou a funcionalidade, em detrimento da escuta, da experiência sensível e partilhada, do tempo lento e do contacto com a matéria e com outros seres terrestres. Esta tendência

afasta-as do corpo-terra, dos ritmos sazonais, das relações multiespécie, mas também das heranças culturais e afasta-as da produção de histórias vividas que poderiam ajudar a estabelecer ligações afetivas com o mundo.

O projeto *OutGoing: crianças, natureza e cultura em relação* nasceu precisamente como resposta a esta inquietação:

Como podemos reaproximar as crianças — e os adultos que com elas vivem e trabalham — do mundo natural e cultural, não apenas como objetos de conhecimento, mas como companhias de vida?

Que práticas, modos de escuta e convívio podem reabrir caminhos de ligação, atenção e presença?

Que papel pode a educação desempenhar na reconstrução de uma sensibilidade partilhada?

Corria o ano de 2021...

... ainda em modo de semi-confinamento, devido à pandemia do coronavírus, tudo fazia

ainda mais sentido — o mundo a que nos subtraíam tornou-se mais importante e o desejo de aprofundar a nossa relação com ele habitava-nos.

Juntámos assim um grupo de pessoas que, em conjunto, sentiu a urgência de uma ação de religação ao mundo. Provocamos encontros para pensar, para investigar novos modos de experienciar o mundo. Vínhamos da educação de infância, da ecologia, da psicologia, da física, da educação artística, das ciências da educação; éramos professores/as do ensino superior, doutorandas, educadoras de infância. Tomamos como locus de transformação a educação de infância em relação com o mudo.

Compreendendo a aprendizagem e o desenvolvimento profissional como processos eminentemente sociais e colaborativos (Lave & Wenger, 1991), o grupo inicial lançou o desafio a educadoras/es de infância, que voluntariamente aderiram à proposta, originando a constituição da comunidade de prática (CoP) OutGoing. Após uma fase inicial de negociação quanto à organização da CoP, foram par-

tilhados os interesses, motivações e propósitos individuais e coletivos dos seus membros, estabelecendo-se objetivos comuns, compromissos e práticas partilhadas.

Com os devidos consentimentos informados dos Encarregados de Educação e a formalização de protocolos de colaboração com as instituições educativas envolvidas, as educadoras e grupos de crianças participaram progressivamente em experiências significativas com o mundo natural-cultural. Estas experiências foram orientadas por abordagens participativas, estéticas, sensíveis e criativas, promovendo a incorporação de novos modos de ser e estar com o mundo, especialmente em espaços além do espaço da sala de atividades.

A CoP OutGoing foi estruturada em torno de três elementos fundamentais: o domínio (campo de interesse partilhado), a comunidade (rede de relações e vínculos entre os participantes) e a prática (conjunto de experiências, saberes, instrumentos e repertórios construídos e partilhados coletivamente) (Wenger, McDermott & Snyder, 2002).

Este projeto tem vindo a desenvolver-se integrando pensamento com origens diversas, produzindo ideias e experimentando ações, surpresa e maravilhamento que alicerces a Educação para a Sustentabilidade na Educação de Infância. O repertório coletivo construído inclui diversos registos escritos, gravações áudio e vídeo, fotografias, publicações e memórias que documentam e sustentam a aprendizagem vivida no seio da CoP.

A participação ativa na comunidade de prática fomentou, de forma gradual, um sentimento de pertença e de compromisso entre os seus membros, influenciando a construção das identidades pessoal, social e profissional (Lave & Wenger, 1991). Nota disso mesmo são os textos que compõem este e-book.

Reconhecendo o valor deste conhecimento socialmente construído, a CoP integrou um círculo de estudos, caracterizado pela produção democrática de conhecimento, afirmando-se como uma alternativa relevante aos modelos tradicionais de desenvolvimento profissional. Ao longo do caminho percorrido, a CoP consti-

tiu-se como um espaço de partilha de conhecimentos, histórias, preocupações, dilemas, recursos e projetos ancorados no quotidiano dos jardins de infância (Wenger, 1998), contribuindo para um conhecimento prático e situado.

Este conhecimento em constante construção, foi sendo alimentado por metodologias que recusam a abstração mal colocada e o distanciamento do olhar investigativo tradicional. Seguimos o que Goethe chamou de empirismo delicado — uma aproximação sensível e comprometida com os fenómenos e os seres, em que o conhecimento se gera no próprio ato de observar com rigor, de imaginar e de intuir, exercendo uma atenção dedicada e delicada. Um olhar que escuta, que se demora, que se transforma na presença do outro. O empirismo delicado valoriza e aprofunda a percepção do outro com o outro. Como dizem Valente e Ilhéu (2023), trata-se de “um método de aproximação ao mundo natural habitado por trocas equitativas, subvertendo o ‘paradigma’ em que o sujeito [ativo] recolhe informação, recolhe dados, e o objeto, passi-

vo, dá” (p.19), de nos deixarmos tocar pelo que aparece (e não apenas decifrá-lo).

A par do empirismo delicado, escolhemos também caminhar com as cartografias, entendidas aqui como formas de investigação que acompanham movimentos, afetos, encontros e paisagens, mais do que categorias pré-definidas. Cartografar não é mapear o que já se sabe, mas desenhar percursos do que está a emergir: histórias, vozes, gestos, experiências. Assim, o projeto construiu-se como um território vivo de escuta, onde as narrativas das crianças, das educadoras e das próprias investigadoras iam sendo traçadas em comum, respeitando os tempos do encontro, da dúvida, da descoberta (Almeida & Costa, 2021).

A conjugação destas metodologias permitiu-nos sustentar uma prática investigativa ética e estética, onde o conhecimento construído é transformador e alimenta a vontade de cuidar. Nas sessões online, nos encontros imersivos e nas experiências quotidianas das creches e jardins de infância, fomos cultivando uma atenção partilhada que transformava cada

lugar num campo de co-formação. Nesse processo, não só olhávamos para as experiências infantis, como éramos também interpeladas/os por elas — desafiadas/os a repensar os modos como conhecemos, educamos, habitamos.

Por isso dizemos que este projeto não se limitou a observar ou a documentar. Foi, acima de tudo, um exercício contínuo de aprender a escutar o mundo terrestre com todos os sentidos. Acreditamos que esse exercício é também uma forma de resistência à des-afetação e uma convocatória à reconstrução de uma vida comum.

Ao longo destes quatro anos, fomos fazendo caminhos juntos/as, pensando em conjunto, contando histórias uns aos outros, da vida nos jardins de infância mas também das vidas de cada membro da CoP. Fizemo-lo e fazêmo-lo em sessões on-line, nos sábados coletivos de experiências imersivas, no Colóquio OutGoing que organizamos em novembro de 2022 e nas diversas comunicações que fomos fazendo nas nossas comunidades científicas e pedagógicas, por vezes de forma mais privada, outras vezes em público.

No quarto ano da CoP (2024-25), decidimos dar prioridade à publicação de uma parte do trabalho desenvolvido pela comunidade. Neste contexto, desafiarmo-nos a tornar público, num processo de externalização de uma obra coletiva (Bruner, 2000) e a produzir este livro de mini-histórias (Reggio Children, 2021), de narrativas OutGoing onde contamos as experiências vividas pelas crianças, pelas educadoras e pelos outros elementos da CoP OutGoing em relação com o mundo.

Esperamos que apreciem este livro...

O título que lhe demos foi inspirado por uma das mini-histórias em que as crianças se questionam: E quando um bicho da conta e um caracol se encontram podem transformar-se num só? (sim) Caracol-de-conta.

Sob a forma de narrativa imprimimos o *era uma vez... um caracol que conta*.

Contar histórias é o modo mais ancestral de nos tornarmos comuns. Quando contamos uma história, partilhamos uma ideia comple-

xa composta por diversos fios e dimensões interligadas que compõem um todo coerente. Narrar é também o processo de nos entendermos e darmos sentido ao que fazemos.

Cada uma das treze histórias que compõem este livro transporta muitas realidades numa composição de vozes, experiências, linguagens e conceitos que fomos integrando ao longo da jornada da CoP OutGoing. Emergem sempre das experiências OutGoing (experiências de imersão outdoor) das crianças com as educadoras nos seus lugares de eleição onde puderam abrir-se à “paixão de conhecer o mundo” (Freire, 2007). Depois de documentadas e identificadas, passaram por um processo de escrita dialógica entre dois ou mais membros da CoP, num processo de reescrita e inevitável transformação. Assim, surgiram narrativas muito diversas em extensão, estilo, linguagens (verbal, fotográfica, vídeo, áudio), em modos mais realista, mais poético ou imaginário de comunicar e dar sentido às experiências.

No encarte final, decidimos incluir um conjunto de fotografias que dão mostra dos en-

contros da CoP on-line e, especialmente, dos encontros presenciais nos sábados imersivos, que constituíram uma experiência fortíssima de construção da cultura e identidade OutGoing.

A sequência pela qual as histórias surgem, não é relevante. No entanto, optámos por começar pelas histórias que envolvem bebés e crianças em creche, até aos três anos, apenas pela ideia de que nestas narrativas se encontra muito presente um modo de aterrar com os pés na terra, num contacto físico e sensorial rico: “Por meio dos sentidos suspeitamos o mundo” (Campos de Queiroz, 2005, p.3). Aterrar, como iremos ver, nunca é apenas sensorial.

O capítulo final, em jeito de epílogo, vem trazer as tonalidades conceptuais que foram permeando as mini-histórias e as narrativas e que se constituíram como transformadoras da nossa forma de pensar e de agir na educação e na vida. Pensamos que elas podem apoiar a intencionalidade educativa de muitas educadoras e educadores de infância e também de

professores de outros níveis etários de educação.

Agradecemos às instituições académicas em que alguns de nós trabalham e que nos acolheram em diversas atividades ao longo do projeto, bem como aos Centros de Investigação em que o trabalho académico se enquadra.

A todas as instituições de educação, privadas, da rede solidária e da rede pública, que acarinharam estes modos de aprender, agradecemos o apoio dado ao trabalho desenvolvido e ao projeto OutGoing: crianças natureza e cultura em relação. É no contexto que se dão as (im)possibilidades de fazer diferente e com mais qualidade.

Queremos agradecer também às famílias das crianças por também terem acreditado no projeto, apoiando as propostas e permitindo a sua documentação.

Finalmente, agradecer aqui a todas as crianças que construíram e continuam a construir connosco o OutGoing, surjam ou não neste livro. O que nos ensinaram e o que nos

possibilitaram aprender, abertas ao mundo e à vida. A imagem que se tornou icónica desde muito cedo no projeto (que escolhemos para a capa deste livro), de uma menina em processo de ‘prestar atenção’ a uma rocha junto às muralhas de Évora, evoca essa imensa potência que as crianças têm para se dar ao encontro com os outros, humanos e não-humanos.



Acreditando que a aproximação ao meio natural é primordial para o desenvolvimento humano, tentei promover esta relação com as crianças de creche.

Este é sem dúvida um meio onde as crianças podem vivenciar múltiplas experiências, promovendo a exploração e, simultaneamente, a aprendizagem e o respeito pelo meio natural.

Na instituição frequentamos regularmente os diversos espaços exteriores repletos de elementos naturais. No entanto, ir para o exterior com crianças pequenas, algumas sem a marcha adquirida, pode representar um desafio. Compete ao adulto estar atento e permitir que as crianças o possam explorar. Assim, dei-lhes liberdade para o explorarem, potencian-do múltiplas oportunidades de exploração.

Deixar explorar é deixar ir à aventura, deixar que se afastem de nós e sigam o seu caminho de descoberta.

À medida que o espaço entre nós aumenta, a tensão no “elástico que nos puxa” para ir ter com as crianças e protegê-las aumenta também, para “garantir a segurança” da proximidade. Quão longe, que distância permito entre mim e as crianças que gatinham? Que perigos não consigo antever e a que velocidade consi-

go aproximar-me e lá chegar, para agir ou para ver se é preciso intervir?

O João está a gerir a situação? Regula-se? Olha para trás? Pede ajuda? Que atenção preciso de manter para poder deixá-lo afastar-se!

E o grupo? Onde me posiciono no espaço para “as ter debaixo de olho, para as ver a todas?”... Gatinhar, rebolar no meio das ervas, cheirar a caruma, mexer na areia,... é um desafio, mas simultaneamente uma aventura para quem gatinha.

Ver a felicidade estampada nos seus rostos é gratificante e maravilhoso. Tanto que aprendemos com as crianças e tanto que somos infetadas/afetadas pelas suas explorações. Também eu sinto com o meu corpo as ervas, a caruma, a areia...

A alegria que sinto é a delas e é a minha. Alegria de as ver experienciar, descobrir e relacionar-se e de me imaginar. Descobrir e relacionar-me... ver como elas vão sempre mais longe, como são capazes e podem. Acreditar que elas são verdadeiramente competentes, o que foi sendo construído em conjunto.

A gatinhar com as mãos e os joelhos no chão, nas pedras, na caruma.



Como adoram sentir o chão, estar em contacto com a terra e a areia, com as mãos, com os pés, com os joelhos, sentadas, deitadas, a olhar o céu, a ver o céu, sentir o chão com todo o seu corpo, rebolando, pousando sobre a terra, as ervas, os bicos das pedras e a caruma. Concentradas, completamente focadas, imersas em tantas experiências.

Mas, será que a caruma lhes vai magoar as mãos? Provavelmente sim, mas a determinação de chegarem onde querem prevalece, perante o incómodo da caruma. E eu não as

incomodo. Deixo-as estar com as pedras, a caruma, a terra e o céu.

E será que se vão sujar? Claro que sim, mas nada que não possa ser limpo, nada que me impeça de observar o seu espanto ao ver as nuvens, um pássaro ou um avião a passar. E espantar-me também.

Vamos andando e as relações avançam. Querem sentir mais e melhor e colocam novos desafios. Querem estar e andar descalças no exterior.

Mais pensamentos na minha cabeça. Os riscos: será que a caruma as vai magoar? E se pisam uma pedra? Quem educa é responsável pelas crianças.

Olhei e vi como pode ser simples, senti a alegria e a descontração e coloquei os meus medos para trás.

Deixei-as ir e estar ao sabor da sua vontade de sentir o chão.

Recordei-me. Também eu, desde criança, sempre gostei de andar descalça, de sentir o prazer de estar ligada com o que me rodeia. Recordei a tranquilidade, o prazer que isso me dá...

Sabemos que as crianças mais pequenas aprendem através da experimentação. Também no meio natural não é diferente.

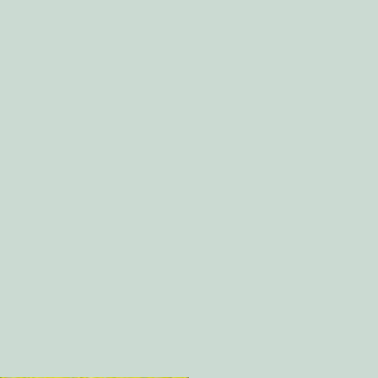
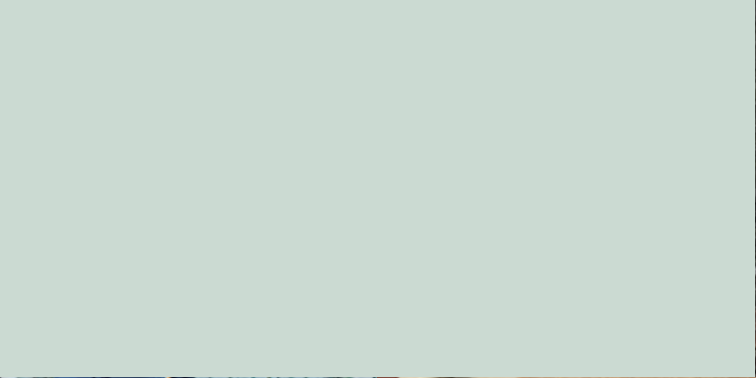
Estar com as árvores.

Ver, tocar, sentir os troncos e os ramos das árvores.

Sentir a sua textura, as suas rugas. Senti-las de forma intensa e com a alma, criando relação com elas. São um carro. Apitam pii pii. Brincam, exploram com as mãos e os olhos e vão descobrindo, ligando-se a elas, neste verdadeiro contacto do imaginário e do real das árvores perto de si.

Tocam, sentem, cheiram, olham, re-olham e provam.

Vejo-as a aproximarem-se e a experimentar o sabor das árvores, mastigam e sentem com a boca o seu paladar.







A tarde estava a começar,
E no recreio com os outros fui brincar.
O sol brindava-nos com os seus raios,
Mas algo mais nos veio maravilhar!



No meio da minha brincadeira,
encontrei algo que me (per)seguia...

Pé ante pé,
fui andando,
e algo se movia à minha frente.
O que será isto?

Comecei a andar para trás.
Pé ante pé,
Fui andando,
E algo continuava à minha frente!
O que será isto?



Volto a andar para a frente
e paro para observar...
Pé ante pé, fui andando...
O meu olhar atento capta cada detalhe,
cada movimento, cada mudança...
Mas porque continua ali?

Continuei a caminhar e fiquei espantado...
onde quer que vá, isto (per)segue-me!

Pé ante pé,
Em frente caminho e não há nada que desvie a minha atenção...
Afinal há algo que me (per)segue!

Encontramo-nos na parede...
Parece que nem aqui me deixa!



Aproveito para lhe tocar...
Mas apenas sinto a textura áspera da parede...
Continua a não desaparecer!
E mais curioso começo a ficar!



Tive uma ideia,
Vou fazer muitos gestos com as mãos!
O que será que vai acontecer?



Abro as mãos...
Fecho as mãos...
Parece que continua a imitar-me!
Faz tudo o que eu faço.



Baixo-me e bato nas pernas com as mãos.
Não desvio o olhar do que está acontecer.



Endireito-me e afasto-me...
Ela continua ali a imitar os meus gestos, os meus movimentos...



Novamente...
Abro as mãos...
Fecho as mãos...
Parece que estamos a dançar juntos!
Será que é agora que ela desaparece?



Estou a gostar desta minha nova companhia!
Faz tudo o que eu faço e nunca desaparece!
Abro as mãos...
Fecho as mãos...



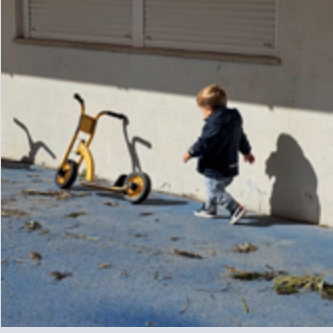
Volto a afastar-me e a aproximar-me da parede.
Vejo que ela fica diferente.
Quando me aproximo é igual a mim...
quando me afasto ela fica maior!



Paro, observo e mantenho-me em silêncio...
Penso que gestos vou fazer.



Abro as mãos...
Fecho as mãos...
Continuamos a dançar juntos esta coreografia!



Agora percebi que,
Sempre que quiser brincar,
Uma sombra basta encontrar!

Vou seguir o meu caminho
Com este sol radiante
Mas nunca vou esquecer
A minha sombra dançante.





Na sequência de uma visita ao Museu de Évora decidiu-se visitar as muralhas da cidade. Desde esse dia, 14 fevereiro de 2022, crianças do Centro de Actividade Infantil de Évora (CAIE) visitam regularmente este lugar.

O caminho das Muralhas passou a ser também usado para ir ao Parque Infantil. Neste caminho, as crianças descobriram a Mata (ligada ao Jardim Público), como uma extensão das Muralhas.

A partir daí passaram a visitar semanalmente as Muralhas “as nossas Muralhas” e a Mata “a nossa Mata”, que são agora lugares de afetos, de encontros, de pertença, de “habitar com os que lá vivem”. Já lá vão dois anos de aparentamento com estes lugares e os seus seres.

A Fátinha, que é a educadora, teve vontade que as crianças experienciassem as vivências que ela própria foi vivendo no seu processo imersivo com o mundo mais que humano.

O modo de estar das crianças nas Muralhas e na Mata é seguro e aventureiro; quando lá chegam, as crianças envolvem-se com o espaço, sem orientações diretas, sem condicionamento, mas há um sentimento de segurança e de liberdade que alimenta a plena exploração do lugar.

No início das visitas, as crianças exploravam de modo muito ativo o espaço; subiam e desciam as pedras, as árvores, corriam, exploravam tudo com o corpo todo. Com o tempo, o movimento e o modo de estar das crianças alterou-se; passaram a descalçar-se e tornaram-se mais tranquilas e atentas. O importante passou a ser estarem sentadas nas pedras e na relva.

A Fátinha sente que as crianças andam tranquilas e mais silenciosas.

Hoje as Muralhas e a Mata são lugares de estar, extensões da sala do Jardim de Infância.

Algumas crianças ensaiam a construção de um túnel direto entre a Mata e o CAIE. Todos os dias que vão à Mata escavam o buraco que fará essa ligação. No quintal do Jardim de Infância, a escavação do túnel também já começou... Ambas as entradas do túnel começam junto às raízes de uma árvore. O mundo subterrâneo das árvores leva-as a imaginar caminhos que ligam mais mundos. São caminhos que também trazem mais mundo aos adultos e lhes lembram a importância de os imaginar...



O mundo do cimo de uma árvore
e de uma pedra

Maria Clara ensaia a subida a uma Oliveira; tem 4 anos e junta o seu corpo ao corpo da árvore. Mede as suas forças e torna-se uma com a árvore. O seu cabelo é agora de folhas. Com a árvore avista uma formiga, um bicho-de-conta, avista o mundo. Dá-se conta que consegue estar ali em cima, sentada num tronco, subir e descer sozinha, pedir ajuda quando precisa e chamar os outros para as partilhas.

Este momento foi registado em vídeo e passado um ano a Fátinha e a Maria Clara visionam-no agora juntas:

— *Eu lembro-me, eu lembro-me!* — disse com muito entusiasmo, — *Lembro-me do vento e de tudo.* A Fátinha pergunta se se lembra da árvore: — *Eu já não me lembrava de tudo... mas é mesmo assim!* — A Fátinha tenta perceber o que quer dizer com “é mesmo assim”. — *Assim!... Hum... as árvores são como nós, as folhas são como o cabelo e, vês... os ramos são como os nossos braços.* — E abre os seus braços como se fossem ramos. A educadora diz ter saudades de ir passear às Muralhas e a Maria Clara fica a olhar para a imagem do vídeo em pausa e pergunta:

—*Tens mais? Quero ver... eu também tenho saudades...*

Os bebés por vezes
também vão às Muralhas

A *Margarida* ainda não tinha um ano e pousou em cima de uma pedra. Do cimo da pedra parecia sentir-se grande, segura, confiante. Era agarrada pela pedra e observava mais longe, deixava-se estar. Terá sido este o início de uma relação para a vida?

Agora, a Margarida já tem 18 meses e continua a gostar de observar mais e mais. Aventura-se nas pedras que começou a conhecer nas suas saídas às Muralhas e em passeios com a sua família. A mãe comenta estas imagens referindo-se carinhosa e orgulhosamente à Margarida como “a minha trepadeira”. E de facto é! Para além de trepar, a Margarida suporta-se nas pedras como se fossem elas a dar-lhe a oportunidade e a segurança para crescer, tal como uma trepadeira a conhecer mais mundo.

Afeções com árvores

As relações de aparentamento com outros muito diferentes trazem sempre mais seres para a roda do habitar junto.

O grupo de crianças foi desafiado a escolher uma árvore com quem se aparentar.

A *Lika* (5 anos) escolheu uma árvore grande e poderosa. Quando desenhou a “sua árvore”,



Com a oliveira, Maria Clara descobre o mundo.



As pedras ajudam a conhecer mais mundo

juntou-lhe outras árvores, embora não estivessem efetivamente lá. Ao falarem dos diversos desenhos, seus e dos colegas, a Lika disse:

— *Esta árvore é muito alta e as folhas são giras. Aqui no desenho, está ao pé de outras amigas porque eu não estava lá.*

Quando a Fátinha regressou ao seu desenho para compreender melhor as palavras da Lika, ela ficou surpreendida e disse:

— *Outra vez? Já falámos, lembras-te? Nesse desenho estou eu... quer dizer, está a minha árvore e as outras que são eu quando nós abalamos para o colégio.*

A Fátinha percebeu então que a Lika imaginava outras árvores junto à sua, talvez como uma forma de se manter ligada à “sua árvore” e de lhe fazer companhia, quando não está na Mata, considerando estas árvores imaginárias como uma extensão de si própria.

Perplexa com o discurso da Lika, a Fátinha perguntou genuinamente como acontecia essa relação com as árvores, ao que a ela respondeu:

— *Então... sabes que eu canto e os bichinhos-de-conta vêm ter comigo... eu também percebo de árvores e falei com elas!*

Depois desta justificação a Lika, certa de que a Fátinha tinha ficado esclarecida, levantou-se e disse que ia brincar com os colegas.

O *Duarte* (5 anos) é um menino muito observador. Gosta de conhecer e não avança

precipitadamente; amadurece no olhar. Nas muralhas sobe a uma pedra para ficar próximo das folhas da sua árvore. Quando foi proposto ao Duarte que escolhesse uma árvore na mata, ele hesitou. No dia em que foram à Mata desenhar as árvores, o Duarte desenhou uma árvore que não estava na Mata, mas que estava dentro de si. Ao descrever o seu desenho fala sobre o seu processo de aparentamento:

— *A minha árvore não está na Mata, está nas Muralhas e eu já a tinha escolhido há muito tempo. Eu não pensei que a tinha escolhido, mas já tinha. Há muito tempo que eu gosto dela. Gosto de estar na pedra que está com ela. A minha árvore é pequena e quando subo à pedra as folhas ficam muito baixas, pertinho de mim.*

O Duarte e a Fátinha já não estão sempre juntos no CAIE. A Fátinha agora é educadora do irmão mais novo do Duarte. Um dia perguntou-lhe se ele queria desenhar a árvore dele para colocar no placar das famílias da sala do irmão e o Duarte disse que preferia levar uma fotografia da sua árvore. Então, a Fátinha e o Duarte tentaram escolher uma fotografia. Apesar de verem muitas fotografias, o Duarte não conseguiu escolher.

A conversa sobre o que iam observando foi fluindo e a Fátinha percebeu que o Duarte, ao ver as imagens, reacendeu uma série de memórias sobre os dias passados nas Muralhas, sobretudo memórias das relações com outros seres.



A árvore da Lika (fotografia e desenho)



Ao terminar a conversa, o Duarte disse-lhe:

— *Eu não quero escolher nenhuma fotografia... é difícil, porque eu gosto da minha árvore, mas também gosto das outras... eu gosto muito do medronheiro, da oliveira e também da alta e também gosto das da Mata.*

A Fátinha sentiu que não poderia prosseguir com a escolha de uma imagem, vendo o Duarte cheio de indecisões mas com um coração enorme capaz de abraçar uma Muralha e uma Mata. O Duarte terminou a dizer:

— *Olha, podes pôr o desenho que eu já fiz para o Vasco ver e tu e a Tó (Auxiliar) também!*



Há uma árvore que é partilhada por três meninos e cada um vive a sua relação de forma singular e sem conflito.

Dois crianças escolheram árvores fininhas...

A *Laura* escolheu uma árvore fininha mas que para si ela é enorme. O desenho da sua árvore mostra-nos um ser cheio de espessura, densidade mas delicadeza ao mesmo tempo. A árvore é mais do que se alcança com o olhar.

A *Néné* também escolheu uma árvore alta e fininha para a poder abraçar.

— *Ela é fininha e eu posso abraçar todinha.*

O corpo com corpo, num gesto de aparentamento com o que é seu sem sentido de posse. Será que a árvore da Néné gosta de ser abraçada? Ela acha que sim...

A Néné já não frequenta o Jardim-de-infância, mas diz ter saudades de abraçar a sua árvore. Sorri ao rever as fotografias e sentese no seu olhar, mais que um mero exercício de memória. Sente-se um olhar cuidadoso e carinhoso. A Fátinha diz ter saudades dos dias passados na Mata e a Néné parece estranhar e pergunta:

— *Tu também?*



A árvore da Laura
(fotografia e desenho)



A árvore da Néné
(desenho e fotografia)



Nesta pergunta está a confirmação do entendimento que a Fátinha tinha acerca do sentimento que as fotografias suscitaram na Néné: só existe saudade quando há relação.

Na Mata há árvores que são como as mães e os pais; “a minha árvore é a melhor árvore do mundo”.

Nos cepos das árvores cortadas fazem-se altares.



Cepo de árvore com gestos de afeição

O toque das pedras

O *João* reconhece-se no mundo das muralhas e das pedras das mesas da Mata. Esse mundo de pedra talhada em superfície alargada parece ser uma matriz referencial para o João. Quando chega à Mata ou às Muralhas, passeia as suas mãos pela superfície das pedras como se as cumprimentasse e as reconhecesse através do toque. Esse toque quase contemplativo das pedras, de leitura das suas texturas, é quiçá um modo de interagir, de se inter-relacionar com um mundo ao qual a grande maioria das pessoas não acede. Acompanhar o João nas suas explorações é, de certa forma, ter a possibilidade de entrar nesse mundo.¹

¹ O João é, uma criança com diagnóstico de Perturbação do Espectro de Autismo

O João este ano frequenta outro Jardim de Infância. Um dia a Fátinha encontrou a mãe na rua e disse-lhe que tinham ido na véspera, matar saudades da Mata. Na voz da mãe:

— *O João percorreu o caminho para a Mata satisfeito, via-se perfeitamente que aquele caminho lhe era familiar. Porém, quando lá chegámos, achei-o um pouco renitente, deu-me a sensação que sentiu falta de alguma coisa, que o sentimento não era o mesmo de quando ia convosco. Sentiu a vossa falta. A Mata não era a mesma coisa...*

Todos fazem falta num espaço de relação. Na Mata há pedras que se tocam, que podem ser instrumentos musicais. As crianças apercebem-se que as pedras têm tamanhos diferentes e que produzem sons distintos; ensaiam ritmos tocando-lhes com pequenos galhos . Nas Muralhas e na Mata o mundo acontece com muitos. Na Mata e nas Muralhas tudo se toca, tudo se aparenta.







Nos espaços exteriores da nossa instituição, há vários formigueiros. A movimentação das formigas despertou a atenção das crianças, que se puseram a observá-las com grande interesse. Este vai-e-vem das formigas levou algumas delas a pararem para observar os seus movimentos e ações. O que seria que elas estavam a fazer?

Estando atenta a esta curiosidade revelada pelas crianças, expliquei que as formigas estavam à procura de comida para levar para a sua casa. As crianças sorriram e continuaram a observar a atividade das formigas.

A Lara aproximou-se, mas ao vê-las demonstrou medo e dizia: *“É má”*. Tentei ir desmistificando: *“Não, não é má. Está na vida dela à procura de comida”*, disse. Mas a Lara continuava: *“É má. Tem medo...”*. Eu insistia: *“Não precisas de ter medo, ela não te faz mal. Só quer encontrar comida para guardar”*.

Numa fase inicial, a Lara não estava convencida, mas com a continuidade da observação e ao ver que o Matheus deixou uma formiga passear na sua mão, olhou para mim e disse, apontando para a formiga: *“É amiga.”* Respondi: *“Sim, as formigas, tal como todos os seres, são nossos amigos”*. Ela sorriu e disse: *“Lala não gosta.”* E eu disse-lhe: *“Não tens*

que gostar, mas não podes fazer mal às formigas, tens que as respeitar”.

A Lara virou-me as costas e foi observar com mais atenção o formigueiro e a movimentação das formigas. Após alguns segundos, veio ter comigo e disse:

Lara: *“Tem pão.”* – disse sorrindo enquanto apontava para uma formiga que estava a carregar uma migalha de pão.

Andreia: *“Sim, está a levar a migalha de pão para poder comer mais tarde.”*

Lara: *“A Lala gosta pão.”*

Andreia: *“Vês! A formiga também gosta de pão como tu.”*

Este processo de respeito e compaixão pelas formigas foi lento. Numa fase inicial, as crianças atraídas pela curiosidade queriam pegar nelas, mexer, acabando por as matar.

Para evitar que tal continuasse a ocorrer, tive que estar muito atenta e conversar com as crianças sobre a importância de termos respeito e cuidado também com os outros seres, explicando que ao apanharem as formigas poderiam magoá-las, uma vez que estas são pequenas e frágeis.

Com o tempo, as crianças passaram a respeitar e a cuidar das formigas. Aproximavam-se, observavam com espanto e até alguma es-

tranheza face àquilo que estas conseguiam transportar, e admiradas por também gostarem de pão. Crianças e formigas partilham um gosto comum: pão.

A curiosidade e a atenção que tiveram para com as formigas levou-as a quererem cuidar delas, alimentando-as. Levavam pão que sobrava do lanche, partindo-o em pedaços que colocavam no chão, *“para que as formigas pudessem levar para a sua casa”*, ficando a olhá-las e continuando a observar aquele vai-e-vem.







Muitos caracóis sobem, sobem, sobem...

*Devagar, devagarinho, vão-se encontrando num ponto mais alto...
será que querem tocar no céu?*

Ou será que se vão encontrar?

*Parece que são família:
encontram-se os pais, as mães, avós e outros caracóis.*

Encontram-se todos ali!

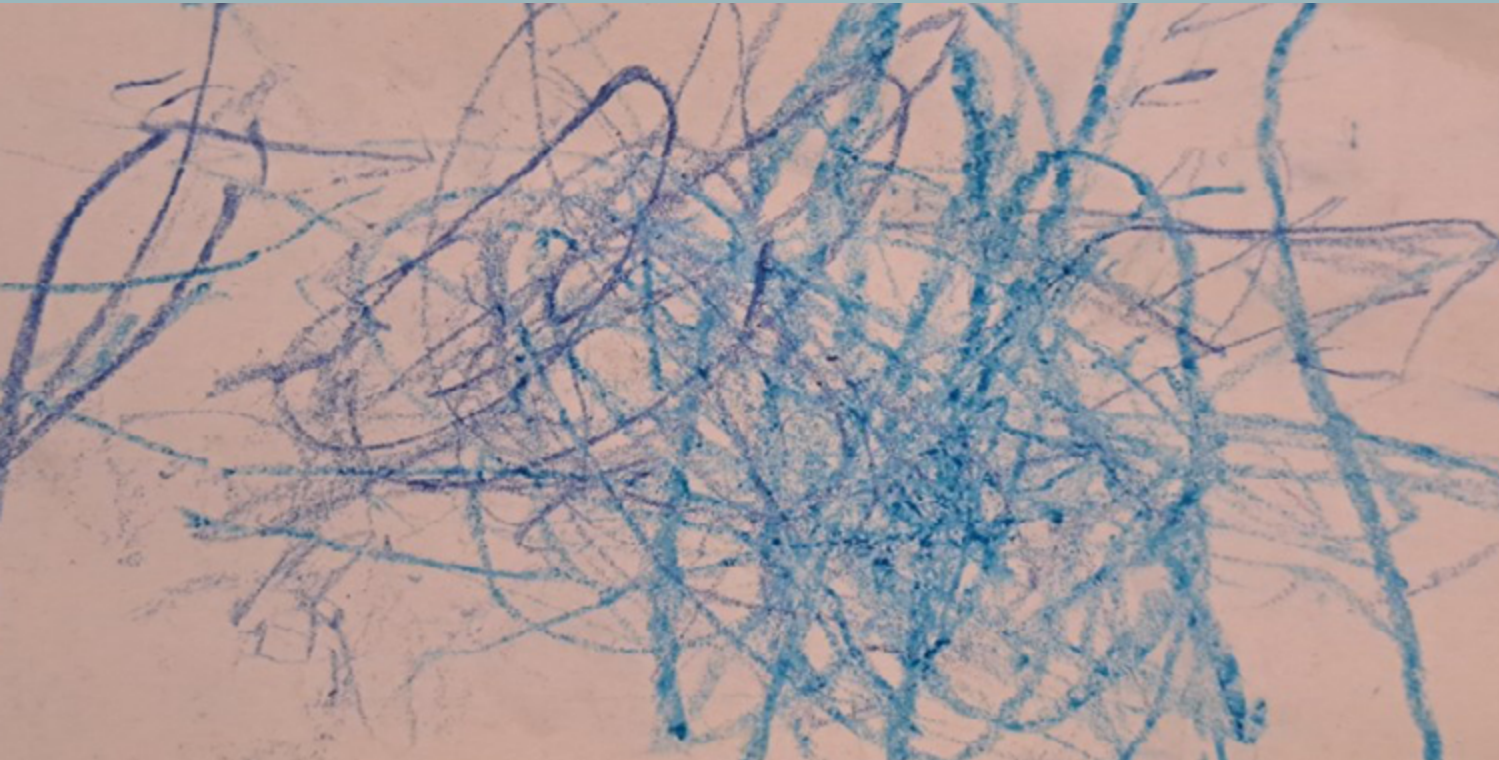
Assim, não ficam perdidos.

É um ponto de encontro!

Entre pontos e linhas, curvas e contracurvas...

Quando os caracóis se encontram...

... o que fazem?



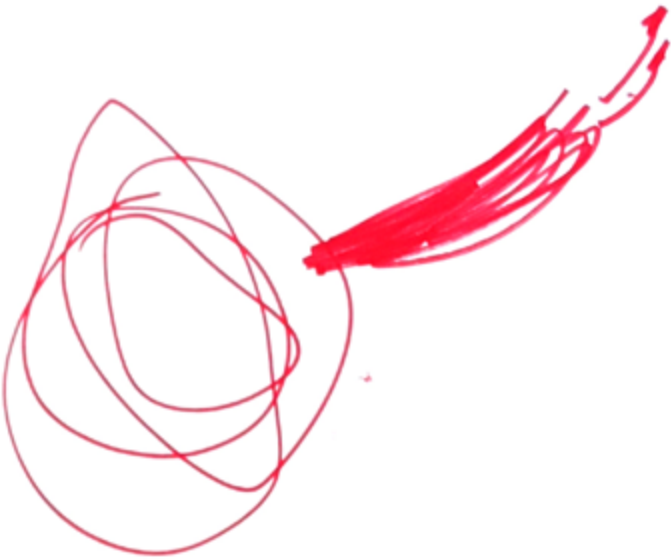
A



3

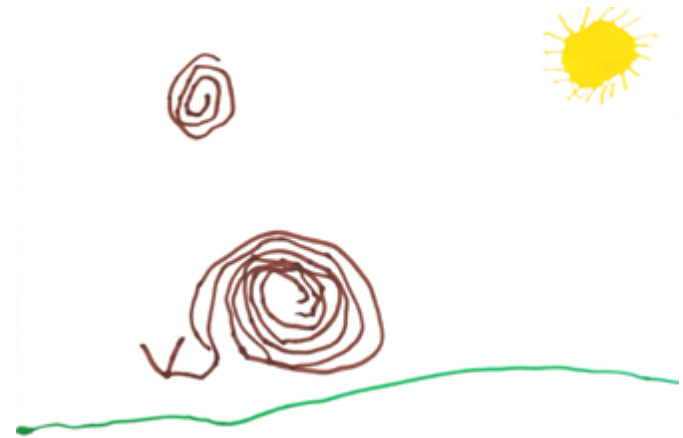
B

*Dormem
na luz da noite...*



D

*Dormem de manhã
e brincam de noite...*



*Procuram
o seu alimento...*

C



*Escondem-se
nas flores...*

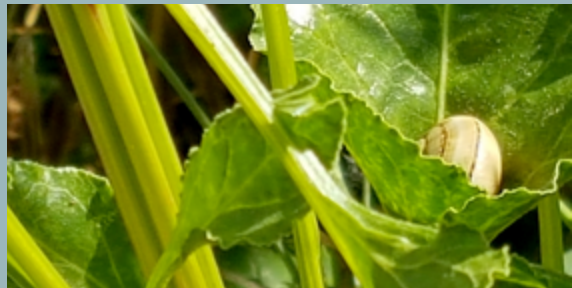
*Agora vemos
muitos caracóis
porque vão
buscar comida**

E

* Nas primeiras saídas (novembro)
não encontrámos muitos caracóis.



4



5



6



7



8



9



10

Margarida: *Andam em todo o lado...*

Tiago: *Os caracóis vão sempre para todo o lado para ver se encontram folhas para comer.*



11

Vanessa: *Temos falado muito sobre caracóis... O que achas que é um caracol?*

Tiago: *Um caracol é uma coisa que tem uma carapaça, antenas e que se esconde dentro da carapaça para que quando está com medo ninguém o vê.*

Ema: *Os caracóis estavam no chão e subiram o candeeiro.*

Isabel: *Mas porque achas que subiram?*

Paloma: *Têm medo. Subiram para que não fossem esmagados.*



12



13

Porém, às vezes,
há um pé descuidado
que os esmaga!

Cuidado!!!

F



Tiago: *Estão todos aqui para
encontrar família. Encontrei um
caracol no chão e coloquei-o no pau...*

Luan: *Estes arbustos picam...*

Isabel: *Por que é que os caracóis
conseguem estar ali? E nós não
conseguimos tocar?*

Luan: *Os caracóis têm uma carapaça
que os protege.*

G



Os caracóis andam por todo o lado... Sobem os candeeiros para se protegerem... Procuram comida... E à medida que vamos andando vamos encontrando mais caracóis.

A Mariana e a Irina encontraram caracóis pequenos e quiseram registar.



Tiago: *O David está a ver se há caracóis!*
A Margarida encontrou caracóis pequenos... e eu fotografei.





20

O David encontrou um caracol...



21

apanhou-o...



foi mostrar
à Diana.



A Diana também queria
mostrar a outra pessoa.

Narrativa do Tiago
pela observação das fotografias

23

19

Luan: *E quando os caracóis saem da toca...*

Será que as suas antenas orientam o seu caminho?

Tiago: *O caracol estava de fora para ele andar... precisa de ter as antenas cá fora. Se as antenas não “tivessem” cá fora ele não conseguia andar.*

Nestes caminhos trilhados,
os caracóis vão sendo protegidos...

Vanessa: *Como se sente o David?*
Tiago: *Com medo porque não gosta de sentir muito alto.*
Está surpreso... porque viu as hortas.



Tiago: *Quando os caracóis estão com problemas*
nós ajudamos.

Vanessa: *Que problemas são esses?*

Tiago: *Quando alguém os vai pisar ou quando ele não vê*
nada porque tem terra nos olhos.

Vanessa: *Onde estão os olhos?*

Tiago: *Em cima das antenas. Quando encontro um*
caracol vejo nas antenas que eles têm olhos.



Tiago: *Ele está a ver se há caracóis...para dizer à Isabel.*
Não encontrou os caracóis...

Vanessa: *Porquê, se eles andam em todo o lado?*

Tiago: *Ele encontrou noutra espaço. O Vasco está a*
observar muito longe... eu consigo ver coisas muito
longe, menos caracóis porque são pequenos.



E cruzam-se com outros seres pelo caminho...

79

29



27

Tiago: *Sempre à procura de caracóis...
reparamos neles porque são muitos.
Nós estamos sempre a ver caracóis...
eles gostam dos arbustos.*

28





30

E quando um bicho da conta e um caracol se encontram
podem transformar-se num só?



Caracol - de - conta

H

Encontros que possibilitam
o *devenir* com...

LEGENDA DAS FOTOGRAFIAS

- 1. Fotografia tirada pelo Tiago (4 anos) após o Kael partilhar com o grupo que tinha encontrado caracóis no candeeiro – 1.02.2024
- 2. Fotografia tirada pelo Kael (4 anos) após encontrar os caracóis no candeeiro – 1.02.2024
- 3. Fotografia tirada pela Vanessa (Educadora) para registar a grande quantidade de caracóis – 19.03.2024
- 4. Fotografia tirada pelo Simão (4 anos) como registo da observação e descoberta de caracóis – 9.04.2024
- 5. Fotografia tirada pela Irina (5 anos) como registo da observação e descoberta de caracóis – 24.04.2024
- 6. Fotografia tirada pela Vanessa após as crianças terem reparado no caracol que estava na flor – 19.03.2024
- 7. 7 e 11 – Fotografia tirada pelo Tiago como registo da observação e descoberta de caracóis – 1.02.2024
- 8. Fotografia tirada pela Vanessa enquanto o grupo conversa e observa o caracol que está na parede – 19.03.2024
- 9. Fotografia tirada pela Isabel (Educadora) para registar o caracol observado na parede pelo grupo de crianças – 19.03.2024
- 10. Fotografia tirada pela Vanessa após as crianças terem reparado que o caracol tinha as antenas fora da carapaça -19.03.2024
- 11. 7 e 11 – Fotografia tirada pelo Tiago como registo da observação e descoberta de caracóis – 1.02.2024

- 12. Fotografia tirada pela Vanessa como registo da observação das crianças ao encontrarem o caracol esmagado – 14.11.2023
- 13. Fotografia tirada pela Vanessa para registar a grande quantidade de caracóis em arbustos com picos – 24.04.2024
- 14. Fotografia tirada pela Vanessa enquanto o grupo observa e descobre os caracóis – 9.04.2024
- 15. Fotografia tirada pela Isabel como registo da ação do Tiago, da Mariana (4 anos) e do Noah (4 anos) ao encontrarem um caracol – 1.02.2024
- 16. Fotografia tirada pelo Tiago (4 anos) utilizando o telemóvel para registar o caracol encontrado pela Margarida e pelo Noah – 1.02.2024
- 17. Fotografia tirada pela Vanessa como registo da ação da Mariana e da Irina ao encontrarem um caracol – 24.04.2024
- 18. Fotografia tirada pela Mariana para registar o caracol que está na mão da Irina – 24.04.2024
- 19. Fotografia tirada pela Isabel após o grupo de crianças ter reparado no caracol – 19.03.2024
- 20. 20 a 23 – Fotografias tiradas pela Vanessa enquanto o David (2 anos) e a Diana (1 ano) descobrem um caracol que estava no chão – 9.04.2024
- 24. Fotografia tirada pela Isabel após a passagem pelas hortas – 9.04.2024
- 25. Fotografia tirada pela Vanessa enquanto o David observa as hortas num ponto mais alto – 9.04.2024
- 26. Fotografia tirada pela Isabel enquanto o Vasco (4 anos) observa as hortas num ponto mais alto – 9.04.2024

- 27. Fotografia tirada pela Isabel enquanto o grupo observa e explora o caminho até às hortas – 1.02.2024
- 28. Fotografia tirada pela Isabel enquanto a Ema (4 anos) observa o caracol que descobriu na folha – 20.03.2024
- 29. Fotografia tirada pela Isabel após o grupo ter descoberto outro inseto no caminho das pedra – 24.04.2024
- 30. Fotografia tirada pelo Vasco (4 anos) enquanto observava os caracóis no chão junto ao bicho da conta – 9.04.2024

LEGENDA DOS DESENHOS

- A – Desenho feito por várias crianças de 1 ano.
- B – Desenho feito pelo Duarte (5 anos).
- C – Desenho feito pelo Tiago (4 anos).
- D – Desenho feito pela Mariana (4 anos).
- E – Desenho feito pela Maria Leonor (4 anos).
- F – Desenho feito pelo Lucas (6 anos).
- G – Desenho feito pelo Benjamim (5 anos).
- H – Desenho feito pelo Vasco (4 anos).





Logo pela manhã,
Saímos para explorar
O mundo lá fora.

No desejo de criar novas relações
E de conhecer o que nos rodeia,
Seguimos por novos caminhos.

A cada passo que damos
Um novo mundo revela-se para nós,
Repleto de possibilidades e de novas descobertas.



Um mundo que nos faz sonhar, evoluir e desafiar os nossos próprios limites...
Onde cada experiência nos transforma e nos demonstra algo valioso
para a nossa vivência diária: **as relações!**





Relações que se descobrem no caminho...

Relações que florescem com olhares atentos...

Em cada encontro,
Cada gesto,
Cada toque,
Cada olhar,
Cada sentir,
Um universo de possibilidades...
Momentos únicos...
Conexões que perduram no tempo.

É na simplicidade e na grandeza desses momentos
Que as relações se tornam verdadeiras,
Que os vínculos se aprofundam,
E as histórias se entrelaçam.



Relações que contam histórias...



Relações que se
fortalecem
lado a lado...

Relações que se transformam em toques subtis...



Relações que inspiram e nos movem...

Juntos,
Ultrapassamos as barreiras do desconhecido,
Capturando, através das lentes,
Cada reflexo da beleza do mundo.



Pequenos detalhes
Vão despertando a nossa atenção
e a nossa curiosidade...
Convidando todos os sentidos a envolverem-se
nesta relação com o mundo natural...
nesta tão esperada relação com o mundo natural!



Olhares atentos e curiosos
Fazem surgir novas descobertas
Que vislumbramos e nos maravilham
Pela simplicidade e encanto.

Cada detalhe, mínimo e perfeito,
Traz consigo uma história revelada:
A abelha que paira delicadamente sobre a flor.
O caracol que se aninha entre as pétalas.
O bicho de conta que se move lentamente pelas pedras.
As formigas que marcham em fila procurando alimento.



Um novo mundo está a desabrochar!



É um mundo que nos convida a sentir,
A tocar a textura das pequenas pedras que fazem parte do nosso caminho...
A acariciar as paredes pintadas que todos os dias chamam por nós...
A pegar na mais pequena folha caída no chão...
A captar o movimento das várias espécies que nos acolhem nas suas casas.



É um mundo que nos desafia a mudar,
A observar para além do óbvio...
A escutar os sussurros da natureza...
A transformar a nossa relação com o mundo.

Cada toque, uma descoberta.
Cada momento, uma oportunidade.
Cada gesto, uma conexão profunda.
Cada passo, uma possibilidade de mudar.
Cada respiração, uma renovação.

Relações que nascem no encontro com o mundo,
Feitas de olhares que se cruzam,
De toques que fazem sentir com toda a intensidade,
De silêncios que falam mais do que palavras,
De histórias que fazem imaginar e transformar o simples em algo extraordinário e eterno.





Entre todas as linhas e cores que se fazem notar,
Esconde-se a essência silenciosa do mundo natural.

Que nos convida a envolver-nos de forma autêntica e profunda...
Que nos ensina a arte de esperar e de acolher o silêncio
como parte deste diálogo com o mundo...
Que nos mostra a beleza da contemplação...
Que nos convida a sentir, a estar, a pertencer!

No balanço subtil das folhas ao vento...
Nos raios de sol que atravessam as árvores
e que desenham inúmeras sombras no chão...
Na diversidade de cores e formas das flores...
No movimento discreto das diversas espécies que ali habitam...



O mundo revela-se a quem o observa!
Sussurra segredos a quem se demora,
a quem vê com o coração e
observa para além do instante!
Cada olhar atento e curioso,
É uma porta que se abre,
Um convite à descoberta
do que sempre esteve por lá!





... no mundo!

Cada sentido envolvido, reconecta-nos
Com a simplicidade e a grandiosidade da vida,
Mostrando que, nos pequenos detalhes da natureza,
Encontramos a plenitude de ser e de estar presente...

Nota: As saídas ao exterior foram realizadas em pequenos grupos com crianças de 1 aos 6 anos.





O João (5 anos) mostrou desde sempre muito interesse pela luz natural. Quando captávamos imagens das suas explorações, o objetivo não era intencionalmente registar esse interesse, mas tornou-se evidente dar-lhe atenção e entendimento.

Nas saídas à Mata ou às Muralhas, o bem-estar do João está associado às Pedras e à Luz do Sol filtrada pelas árvores. A ligação a estes elementos e fenómenos torna-o feliz.

Estes são lugares da cidade que se visitam regularmente.

O João escolhe sempre um local onde há jogos de luz e sombra, particularmente com as folhas das árvores. Parece juntar-se a esses eventos de luz e folhas como mais um dos participantes do jogo.

Na mata o João parece mais tranquilo. Junta-se a alguns pauzinhos e com eles parece fazer mundo.



Com a Muralha, debaixo de uma árvore



Na Mata o João escolhe sempre lugares de luz e sombra



Paus e folhas e o João
juntam-se
em relação com a luz



Revisitando as imagens, fomos
desocultando uma narrativa que já emergia
há algum tempo.

Procurávamos ativar mais os sentidos,
desafiarmos outros olhares e sentires.

Compreendemos agora que não foi por
acaso que a educadora se deitou a olhar
o céu ao lado do João e descobriu o que o
acalmava.



Momento
de imersão
na Muralha

O João gosta de partilhar
com os outros aquilo que o
torna feliz. Essa felicidade
é contagiante! Fá-lo com a
tranquilidade que é tão dele.
É o seu bem-estar que chama
pelos outros, da mesma
forma que a luz e as pedras
chamam o João. Esse convite
à felicidade é um convite à
imersão.

Todos agora descobrem
o mundo com o João.
Ao partilhar o seu
encantamento pelo mundo
mais que humano, pelos seres
e pelos fenómenos, o João
abre caminho para que outros
façam também descobertas.
Muitos fruem agora com
um fenómeno único que os
japoneses definem como
“Komorebi”.¹

¹ Referência ao filme *Dias Perfeitos*
de Wim Wenders (2023)



O João leva consigo
outras crianças



木漏れ日 — Komorebi

Palavra japonesa para o efeito que os raios da luz do sol produzem quando interagem com as folhas das árvores. Captura a interação entre a luz e a natureza, muitas vezes evocando uma sensação de serenidade e beleza. O termo é valorizado na cultura japonesa pelo seu significado poético e a sua conexão com a natureza. “Ko” significa árvore ou árvores.



Certa manhã, na chegada à mata, após as crianças terem escutado na véspera a história **“Catarina, o Urso e o Pedro”** onde, a dada altura, as personagens sobem o tronco inclinado de uma árvore, as crianças descobriram que um dos pinheiros, tal como a árvore da história, também estava inclinado.

Não resistindo à tentação, a Maria Carolina aproximou-se e começou a subir dizendo: *“Vou subir muito alto, ouviram?”*. E subiu até onde conseguiu. Quando desceu, olhou para mim e disse: *“Foi mesmo como a Catarina, o urso e o Pedro.”*

O sorriso espelhado no seu rosto era enorme, não só por ter conseguido encontrar uma árvore como a da história, mas também por a ter conseguido subir à semelhança das personagens da história.

Outras crianças observaram e, tal como a Maria Carolina, também quiseram experimentar e subir o mais alto que conseguiam.

Uma manhã que se esperava igual a tantas outras, não foi! Apesar daquela árvore ter estado sempre ali, foi através de uma história que o interesse das crianças por ela cresceu, passando a olhar para ela como parceira de brincadeiras e descobertas.

As crianças estavam tão encantadas com as vivências ocorridas lá fora, na mata e, nomeadamente, com a relação que foram criando com as árvores, que estas passaram a ser mais um amigo nas suas brincadeiras de faz-de-conta.

Assim, no momento do conto, as suas histórias de eleição e que despertavam logo o seu interesse, eram as que faziam referência a árvores

Também, depois, quando íamos à mata, elas procuravam árvores e com elas, agora muito concretas, queriam viver as aventuras das histórias que tinham ouvido.

E... mais histórias se puderam contar.







Que bom!

Hoje é dia de voltarmos à Floresta...

Numa manhã de outono, as crianças preparam-se para mais uma visita à floresta. Há excitação e muita alegria.

As educadoras também já sentem o entusiasmo das descobertas que vão acontecer nesta visita.

O encantamento, as experiências diretas com elementos da natureza, as descrições, são fases de um processo que pretende forjar ligações com o mundo natural e que as educadoras alimentam nas suas práticas.

Estão agora a caminho...
mas as crianças já pararam ali!



Que cheiro é este?

Hah... É o cheiro da terra molhada.

Olha os meus pés!

Já estão enterrados na lama.

Olha ali na poça de água...

Já viste a cor desta água?

É castanha... parece barro!

Não! Parece café com leite!

Como é que esta poça veio aqui parar?

Vamos saltar lá para dentro! Não é funda.



As educadoras já sabem que as crianças se fascinam sempre com a água... e sabem que a vão querer sentir nos pés (ainda que calçados), nas mãos, no corpo... deixam-nas explorar em liberdade.

Boa, isto é mesmo divertido, mas agora temos de continuar! Vamos por ali!... O que iremos hoje encontrar?

O caminho agora está mais seco. As crianças deixam-se encantar por tantas plantas diferentes. As educadoras estimulam a sua atenção. E eis que descobrem algo que atrai a sua curiosidade.

Está ali um ouriço como aquele que temos na sala. Mas... será mesmo uma castanha? Tem picos, mas não vem de uma árvore. Se fosse uma castanha vinha de uma árvore. É melhor arrancarmos para ver melhor!

Não! Já sabemos que as plantas gostam de ficar onde estão.

Eu sei que não devo arrancar as coisas! Elas querem ficar na natureza. Mas posso olhar e cheirar... E se eu apalpar? Será que me pica?

Não, se tocares com cuidado. Vamos fotografar e levar para a sala, para sabermos o que é!

As educadoras têm vindo a desenvolver com as crianças esta sensibilidade para com seres que habitam a Terra connosco!

E a conversa continua:
Não é um ouriço, como o da sala... Há outras plantas que também picam... são os cactos.

As educadoras continuam a alimentar a curiosidade que se instalou sobre quem será esta planta e ativam a atenção das crianças sobre todas as plantas que com ela convivem, incentivando-as a descrevê-las. Tão diferentes umas das outras, num pequeno pedacinho de terra.

Olha, umas são fininhas, outras não. Há tantas diferentes!

E as educadoras prolongam a demora na atenção, sugerindo que vejam como elas se mostram, como se tocam e que imaginem se são amigas.

Mas eu quero saber mais coisas sobre esta planta muito diferente, com ouriços.

Uma coisa é certa, elas já sabem que este ouriço nada tem a ver com o ouriço das castanhas, afinal é o fruto de uma planta da família das herbáceas, como disse uma das educadoras, tal como o são todas as outras que estão com ela. Em sala irão continuar a falar dela e das outras.





A caminhada continua e... já pararam outra vez. As educadoras apressam-se a ver o que as fez parar.

*Olha Susana o que está ali a brilhar?
Parecem vidrinhos! O que será? É um tesouro!
Serão pedras preciosas como as da Elsa do filme da Frozen? E se lhes tocássemos?
Será que conseguimos fazer magia, como no filme??*

Algumas crianças tocam e a magia acontece, os vidrinhos desfazem-se.

*Ahhh! Desfez-se. Afinal não são pedras preciosas, mas são tão lindas!
Olhem... venham cá... estão ali também gotinhas, as mais redondas, não vêem?
Não são só pedras...
Porque brilham tanto? Parece magia!
Quando o sol está forte elas brilham mais.*

A educadora refere que os vidrinhos que viram eram cristais de gelo, eram água, como o são estas gotinhas tão bonitas e motiva-as a observar melhor. Há gotinhas de água por todo o lado. Há umas muito brilhantes! Esses brilhos atraem a curiosidade das crianças. E se se inclinarem, de costas para o sol, podem ver gotinhas coloridas. Momentos mágicos. Agora procuram e apanham gotinhas de água que escorrem pelas suas mãos e ficam a olhar a sua infiltração na terra. Que caminhos irão percorrer?

As educadoras perguntaram sobre o que será mais precioso, se uma gota de água ou uma pedra preciosa.

*Uma pedra preciosa, porque nunca desaparece e as gotinhas e os vidrinhos assim que tocamos desfazem-se e desaparecem.
Como desaparecem se elas vão para a terra? Vão fazer o quê para a terra?
Então tu não sabes, elas vão regar as plantas!*

As educadoras, perante esta afirmação, relembram a questão lançada anteriormente, inquietando o grupo e desafiando a procurar gotas de água brilhantes, as mais brilhantes.

*Será que as mais brilhantes são mais preciosas?
Mas... se estão debaixo da terra, como vamos saber...
Já sei, se a planta está verdinha é porque bebeu muitas gotinhas, se estiver a morrer as gotinhas desapareceram.
E debaixo da terra ainda serão brilhantes?*

As educadoras aproveitam para falar do sol, é ele que as faz brilhantes.





As educadoras reforçaram junto das crianças a importância da água no nosso planeta. É uma preciosidade maior que a das pedras preciosas.

O caminho continua... A “floresta” já se prepara para esta visita.

Mas... agora foram chamados por um ninho numa árvore. Ainda não chegaram à “floresta”. As perguntas brotaram. Todos queriam mexer e quiseram saber se havia moradores.

Mas o ninho estava vazio e escuro.

Que tipo de pássaro teria vivido ali?

Perguntava uma das educadoras.

Numa coisa todos estavam de acordo... era um pássaro pequeno, não tinha deixado ovos e se calhar já se tinha ido embora. Será que anda pela floresta? Vamos procurar?

Durante algum tempo as crianças estiveram a olhar atentamente à sua volta à procura do passarinho. Mas ele não aparece...

Temos que olhar com mais atenção!

Os passarinhos devem estar assustados com o nosso barulho... vamos fazer silêncio e esperar um bocadinho...

Eles vão aparecer!

Uma das educadoras que acompanhava este grupo interveio começando a questionar se os passarinhos são todos iguais, ou será que tal como há pouco viram plantas tão diferentes também por ali viverão aves muito diferentes?

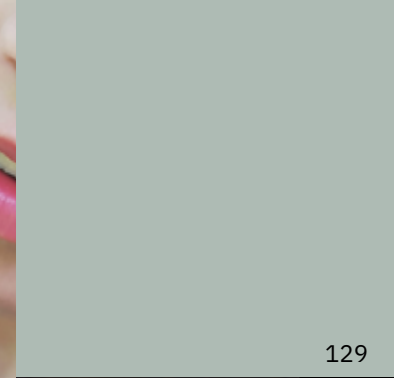
Não... não são todos iguais... há grandes... eu já vi, há as águias, as cegonhas... essas são grandes!

Os pardaís são pequenos...

E há outros com muitas cores!

Se calhar não vão encontrar agora o dono do ninho... mas podem mais tarde procurar saber que pássaros existem ali e se algum deles poderia caber naquele ninho.

Finalmente a floresta... e tantas aventuras já vividas.



UAU! Árvores gigantes à nossa espera! E olhem só o tamanho da minha sombra. Assim consigo ser do tamanho da árvore.

Enquanto algumas crianças brincavam com a luz e a sombra, outras procuravam os habitantes da floresta...E eram tantos... As crianças sentiram-se acolhidas por tantos insetos diferentes que pareciam tão tranquilos na exploração das mãos das crianças. As educadoras apelam à observação, à descrição e à delicadeza nestas interações.

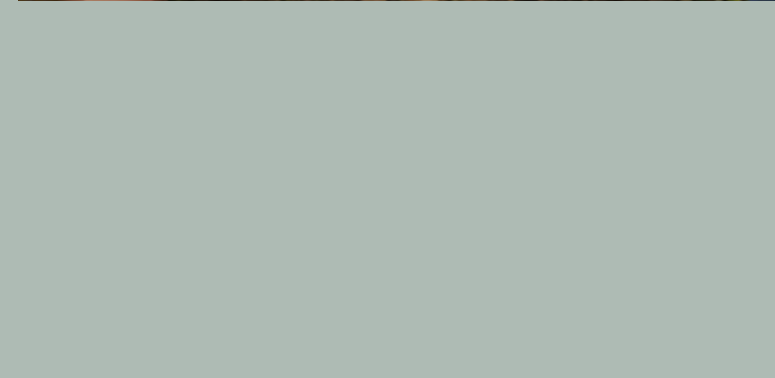
Com tempo e liberdade, as crianças exploraram, sentiram e usufruíram do espaço, onde estabeleceram diferentes relações, demonstrando um sentimento de pertença.

De regresso ao jardim de infância as crianças continuavam curiosas e encantadas. Na memória e no coração ficaram as experiências vividas e sentidas por cada uma delas. Mas... houve alguém que surpreendeu a todos pois trouxe mais do que memórias...

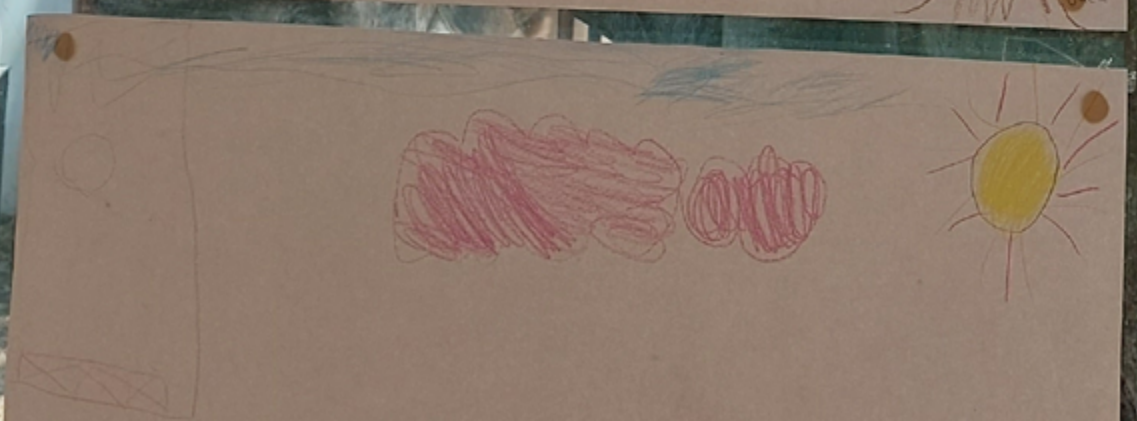
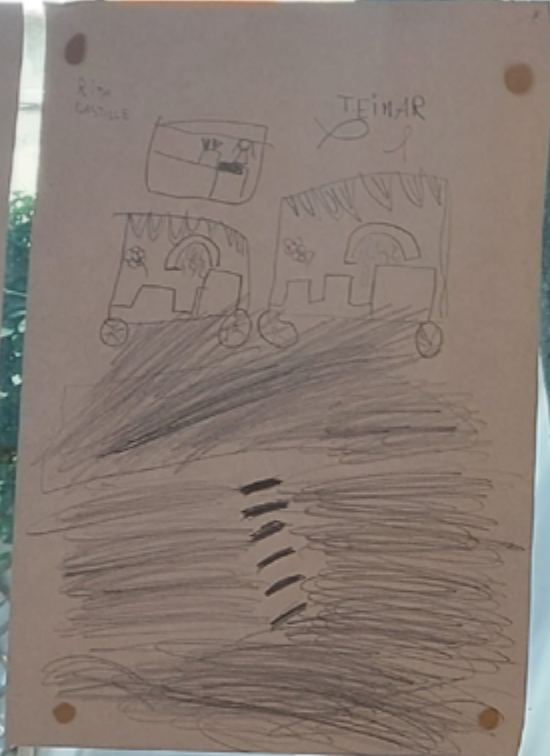
Com muito cuidado, dentro do seu chapéu, a criança mais pequena trouxe consigo uma família de carochas, que agora coabitam com todos no jardim.

Todos os dias as crianças procuram as carochas, no recreio do jardim de infância, tentando perceber como é que elas aí vivem, mas é um “jogo de esconde, esconde”, pois sempre que as crianças entram nessa missão, as carochas parecem querer esconder-se...

Afinal as carochas também parecem gostar de brincar... ou não estivessem elas no jardim de infância!



Registos pelo
nosso bairro





Sáímos da escola rumo ao bairro envolvente, em Campo de Ourique, sem um roteiro pré-definido. Crianças e educadoras deixaram-se conduzir apenas pelas solicitações do lugar, escutando as atmosferas que as envolviam (Zumthor, 2006). A orientação não vinha de fora, mas de dentro – do ritmo do grupo, das curiosidades que emergiam, dos sentidos despertados.

“Sem nenhum roteiro prévio, orientados apenas pelas solicitações das atmosferas (Zumthor, 2006) do local, andaram pelas ruas com a atenção voltada para as sensações

suscitadas” (Hirao & Chaparim, 2019, p.555).

A caminhada decorreu num tempo outro, mais lento, demorado, tranquilo. Era o tempo das crianças. De olhos bem abertos, seguiam à escuta do que as chamava – sons, cheiros, gestos, detalhes. A cada passo, construía-se uma atenção partilhada, mas não homogênea. Cada um (e cada uma) seguia o que mais o encantava e afetava, atento ao que mais aguçava a sua curiosidade.

Um momento em particular parece condensar este espírito: ao passar em frente a um cabeleireiro, o grupo abrandava. Algumas crianças espreitam o interior



com curiosidade, enquanto as máquinas fotográficas passam de mão em mão. De repente, um “Bom dia!” interrompe a marcha. Uma mão estende-se, oferecendo um pequeno ramo de hortelã. Era o Sr. José, figura habitual nas manhãs do bairro, que reconhecemos das suas idas ao mercado para abastecer o restaurante da rua. Entre vários sentidos ativados, destaca-se o cheirar daquele ramo, seguido de instruções e ideias culinárias para o que poderá este ser utilizado.

“Cheira bem, queres cheirar? É hortelã! É para pôr na salada, no cozido, na sopa

de feijão!”, diz ele, sorrindo. As crianças aproximam-se, riem, esticam-se para sentir o cheiro. Algumas ainda não conhecem aquela planta, mas ficam intrigadas. O gesto, simples e inesperado, cria um momento de suspensão coletiva – um encontro. As crianças esticam-se na ponta dos pés e riem entre si. Os narizes apontam-se para o ramo, enquanto cheiram aquela planta que os cativa mas cujo «nome de família» ainda desconhecem.

Enquanto parte do grupo se envolve nesta troca, outras crianças continuam a explorar. Um desenha, outras filmam. Uma em



particular afasta-se e, com a sua câmara, foca-se na roda de um carro estacionado.

Essa justaposição de experiências revela algo essencial: num mesmo instante, multiplicam-se os olhares, os encantamentos, os sentidos despertos. Como descrevem Hirao e Chaparim (2019, p. 555) “no decorrer da deriva ocorreram diversas sinergias com os moradores e cidadãos encontrados ao acaso – por vezes tiveram rápidos diálogos, outrora conversas mais prolongadas, o que permitiu uma imersão no cotidiano da pequena cidade.”

De regresso à escola, a experiência prolonga-se. Fotografias, vídeos e desenhos são revisitados, reconfigurados. Imprimem-se imagens, sobrepõem-se traços, partilham-se memórias. Em pares, as crianças desenhavam o que viram e sentiram. Registos feitos no caminho completam-se com outros feitos à chegada. Os materiais recolhidos – imagens, palavras, plantas, objetos – unem-se num exercício de reconstrução afetiva.

Entre fotos e vídeos há um que chama a minha atenção. Há um vídeo, em particular, que torna ainda mais evidente a teia de olhares e atenção que vivemos com esta

experiência, pondo em destaque como os nossos olhares podem ser cativados para tão diferentes estímulos e, quase em simultâneo, tanto pode nos cativar. Descobrimos então que, enquanto eu e um pequeno grupo de crianças nos encantámos e criámos um diálogo com o Sr. José (o senhor que nos dá o ramo de hortelã a cheirar) o Gaston afasta-se e a sua atenção é atraída por algo diferente. Enquanto caminha, direciona a lente da sua câmara para a roda de um carro, filmando durante alguns segundos o seu aspeto. É claro que o momento é o mesmo, pois ao fundo escuta-se o diálogo em redor da hortelã. É

neste cruzamento de interesses e diferentes atenções que notamos como múltiplas experiências diferenciadas podem ser vividas num mesmo segundo, com interpretações, desejos e vontades tão diferenciadas.

Neste encontro de registos fica clara a afetação em camadas que se sobrepõem. Os registos fotográficos são impressos e os desenhos feitos pelo caminho, completam-se com outros à chegada. Em pares, desenhámos o que vimos e sentimos, inscrevendo experiências que se adicionam e partilham, juntando materiais diversos recolhidos em experiências diversas e



ligados materialmente, evidenciando uma teia de afetações (Almeida & Costa, 2021).

É nesse cruzamento de olhares e interesses que algo se revela: num mesmo minuto, múltiplas experiências convivem. Vontades, desejos e interpretações coexistem e tecem uma cartografia de afetos. Os desenhos feitos no caminho misturam-se com os da chegada. Trabalhamos em pares, cruzando registos visuais e sensoriais,

compondo narrativas onde cabem encontros e descobertas.

Durante duas semanas, esse trabalho foi-se tecendo: um tempo de reinscrição sensível da experiência vivida em que, cada gesto, cada detalhe, cada memória encontrou forma. É nesse tecido que se reconhece uma cartografia – não apenas dos lugares percorridos, mas dos encontros que nos transformaram.



Está uma abelha na cabeça da Francisca



Na floresta

A Francisca estava muito concentrada na atividade onde identificava elementos existentes na floresta, tão concentrada que nem se apercebeu da “aterragem” da abelha no seu chapéu.

Mas algumas crianças repararam e, é nesse momento, que se inicia o diálogo seguinte:

Não te mexas Francisca... tens uma abelha na cabeça...

Cuidado...ela vai-te picar!

Não vai nada... se ela não se mexer a abelha não lhe faz mal!

A abelha só pica se lhe baterem!



Porque será que a abelha resolveu pousar na cabeça da Francisca?

Se calhar ela pensa que a Francisca é uma flor... o chapéu dela é amarelo.

As abelhas comem o mel.

Não... as abelhas fazem o mel...

Sim... as abelhas comem o pólen das flores e o cocó delas é o mel...

Revisitando no Jardim de Infância

Já no Jardim de Infância, as crianças partilharam os seus sentires que trouxeram da visita à floresta naquela manhã.

A sugestão comum passa por ir procurar abelhas no Jardim.

Mas...depois de muito procurarem... apenas encontraram algumas vespas! E, ao observarem as flores do nosso recreio, começaram a surgir as primeiras hipóteses.

As flores têm pouco pólen...

as abelhas roubaram!

E agora fazem mel...

As abelhas têm riscas pretas.

Mas a abelha rainha não... Ela é diferente das outras abelhinhas... não tem riscas. Ela é que põe os ovos.

As borboletas também põem ovos...

todos os animais põem ovos! Até os cães põem ovos...

Não... alguns têm bebés!

Os cães têm bebés na barriga.



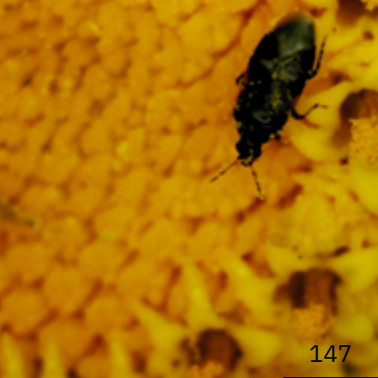
Aprofundando...

Para comprovar a veracidade das suas hipóteses, as educadoras sugeriram iniciar um trabalho de pesquisa. As crianças começaram por consultar alguns livros e ver alguns vídeos que mostravam o desenvolvimento de uma abelha desde o seu nascimento. E as respostas começaram a ser discutidas...

*As abelhas vivem pouquinho tempo...
e quando espetam o ferrinho morrem logo!*

*Cada vez morrem mais abelhas...
os venenos que estão nas flores matam as
abelhas... e as vespas... elas são más para
as abelhas... Elas (as abelhas) vivem nas
colmeias... são as casas das abelhas.*

*Parecem prédios da cidade...
têm muitas janelinhas. Elas gostam muito
de flores ... O pólen deve ser doce.
E amarelo...*



Para ajudar as crianças a satisfazer esta curiosidade acerca do pólen, observaram-se algumas flores e pólen com o Ovo Microscópio.

*UAU... olha estas flores...
são tão diferentes das amarelas...
Há pólen de outras cores.
Vê o meu dedo...
está cheio de pólen.
Mete na boca...vê se é doce!
Não é... blhaac! Sabe mal!
Como é que as abelhas comem
e depois fazem mel doce?
Devem ter uma máquina
que transforma o mel.
Ou metem açúcar.*

*Ohhh... o pólen parece cocó...
Não parece nada... parece um nugget do
McDonalds...
Uau...há muitos bichinhos dentro das flores.
Ohhh não consigo tirar uma fotografia...
eles são tão irrequietos.
Olha olha... consegui!*





Alguns dias depois...

Um grupo de crianças encontrou numa planta (arbusto) que temos no recreio muitas abelhas a voar à sua volta.

*Olha... tantas abelhas...
Elas gostam desta laranjeira.
Deve ter bom pólen. Está cheia de flores...
Elas esgravatam o pólen.
São tantas... vou falar para elas em insetês!
“Tété!”*
(referência ao livro “Ké iz tuk?”, sendo Tété Olá ou Adeus) ...

Não me parece que seja uma laranjeira, diz a educadora.
Então o que é?
Posso tentar ver aqui na internet.
(...) É uma murta-comum.

Também podemos ver esta no microscópio?
O pólen destas flores deve ser especial para as abelhas!

Mais uma vez, o microscópio proporcionou um modo de ver mágico de algo tão real, que transporta as crianças para o maravilhamento. É este maravilhamento que as leva a estar mais atentas e despertas para o que as rodeia, levando-as a novas descobertas e novas questões que procuram respostas.

Ohhh... a Laurinha achou uma abelha morta!
E a Diana achou uma vespa...
São diferentes!
Será que se brigaram? Andaram à luta e morreram?
Podemos ver no microscópio?
A abelhinha é gordinha e fofinha. Tem pêlo. Parece um gato.
A vespa é lisa. E magrinha...
Ahhh... Aparecem uns bichinhos brancos na imagem a mexer! O que são?
Devem ser micróbios. Ou piolhos...
Não... a abelha está morta... estão a comê-la!
Blhaaaaccc!



Estas vivências levam a uma ideia comum:

As abelhas são muito importantes para o planeta!

Pois, temos que protegê-las... ou “atraí-las”!

Para onde?

Para a nossa escola e para a nossa floresta.

Mas como?

Eu posso trazer da casa da avó aqueles pacotinhos das flores que a Tita mostrou...

Que tem lá o símbolo a dizer que são flores que puxam as abelhas...

Não puxam. Atraem...

Atraem como os ímanes?

Não dessa forma. Atraem porque possuem pólen que as abelhas gostam, explicou a educadora.



Podemos usar uma lupa mágica para falar com elas (referência ao livro “Joaninha Salva as abelhas”, de Catherine Jacob)

Podemos fazer casinhas para as abelhas... ou uma colmeia... Ou meter o Hotel de Insetos (oferta das crianças do 6.º ano ao JI) *na relva, com flores.*

Sim... posso arrancar uma flor pela raiz e depois chamo as abelhas e levo-a até ao Hotel... depois vêm as outras.

Mas porque ias arrancar a flor pela raiz?

Perguntou a Educadora.

Porque assim ela não morre...

Já sei... podemos fazer uma piscina de mel...

Não... de pólen! No hotel temos que meter cola com pólen para elas verem.

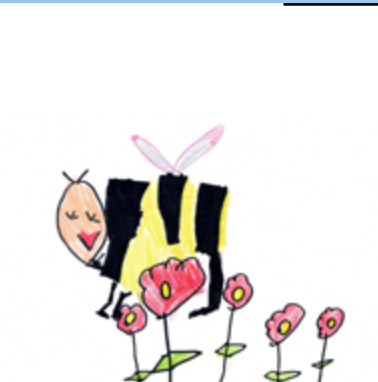
Podemos apanhá-las com um saco...

Não... elas depois espetam o ferrão no saco e fazem um buraco e fogem!

Todos os momentos vividos e diálogos partilhados levaram a que a abelha, agora, já não esteja só na cabeça da Francisca. Agora, está no coração de todas as crianças do Jardim de Infância, levando-as a exprimirem-se através das suas 100 linguagens.



Desenho à vista da Murta com as abelhas.





Inspirações em
Matthew Willey

Outras linguagens...

Nas crianças a curiosidade impele a exprimirem-se com criatividade.

De linguagem em linguagem, tal como as abelhas de flor em flor, as crianças colheram novos saberes e apropriaram-se de conhecimento, onde o encantamento esteve sempre presente.

E quando achámos que nada mais havia a explorar... eis que, de repente...

Haaaaa... Está um bichinho na cabeça do Samuel! Mas... que bichinho é? Como se chama, o que come? De onde vem?...

Hummm
Vamos pesquisar!
Teté, bichinho!

Nomes e idades das Crianças	
Diana (5)	Isaac (4)
Francisca (5)	Samuel (3)
Laura (4)	Ariana (4)
Tomás G. (5)	Amber (5)
Tomás P. (5)	Clara (4)
Tomás R. (4)	Leonor (5)
Benedita (5)	Duarte (5)
Nicole (5)	Margarida (5)



Reflexão das Educadoras

No início do ano letivo, as crianças fugiam quando viam uma abelha (ou vespa, pois não as sabiam distinguir). Houve tempos ainda, em que as crianças tentavam afastar ou mesmo matar as abelhas/vespas do nosso recreio.

Mas há um momento em que tudo muda. Quando as abelhas e as crianças coabitam no mesmo espaço, quando as crianças conhecem as abelhas e os seus mundos se cruzam. A pouco e pouco, e mediante o conhecimento da vida destes seres, tornamo-nos uma só comunidade que vive no Jardim de Infância. Abelhas e humanos são agora parceiros.

Só é possível cuidar depois de conhecer e de nos sentirmos parte da natureza ou, como refere Donna Haraway (2008, p. 3) no seu conceito de ‘becoming-with’ (tornar-se com) como uma prática de ‘becoming worldly’ (tornar-se mundano), aqui usado numa forma de repensar a humanidade e experimentar a (bee-ness) “qualidade de abelha” (Weldemariam, 2020).

Não se trata apenas das abelhas. Tudo à nossa volta requer um olhar mais atento, curioso e sensível. Aqui, surge o conceito de *noticing*, tal como nos diz Anna Tsing (2019) quando refere “da próxima vez que você caminhar por uma floresta, olhe para baixo. Uma cidade está sob seus pés” (p. 191). E, para a conhecer, é essencial que as crianças passem algum tempo em contextos naturais. Elas têm a oportunidade de testemunhar mudanças na natureza, juntamente com a construção de persistência, confiança e resiliência num ambiente ao ar livre. As crianças mostraram-nos que podem aprender competências e disposições necessárias para serem capazes de se relacionar com a magnificência do que a natureza proporciona. Podem praticar e aperfeiçoar as suas capacidades de observação, pois cada dia é um novo dia num ambiente mais amável, apresentando novas oportunidades e desafios. Speldewinde, Kilderry e Campbell (2021) referem que “...through their noticing, preschool children make a transition from being nature novices to nature experts”

(p. 151). Mas para que as crianças se sintam mais despertas e o *noticing* ocorra com maior frequência, não se pode dissociar o encantamento e o maravilhamento pelo que as rodeia. Sabemos que as crianças são atraídas pela novidade, pelo mistério, pela beleza, pela magia e pela fantasia. A natureza proporciona todos estes atributos, o que, quando lhes é dada a oportunidade de explorar, leva ao entusiasmo e ao encantamento.

Carson (1998) resume esta ideia dizendo que “if a child is to keep alive his inborn sense of wonder without any such gift from the fairies, he needs the companionship of at least one adult who can share it, rediscovering with him the joy, excitement, and mystery of the world we live in.” (p. 49)

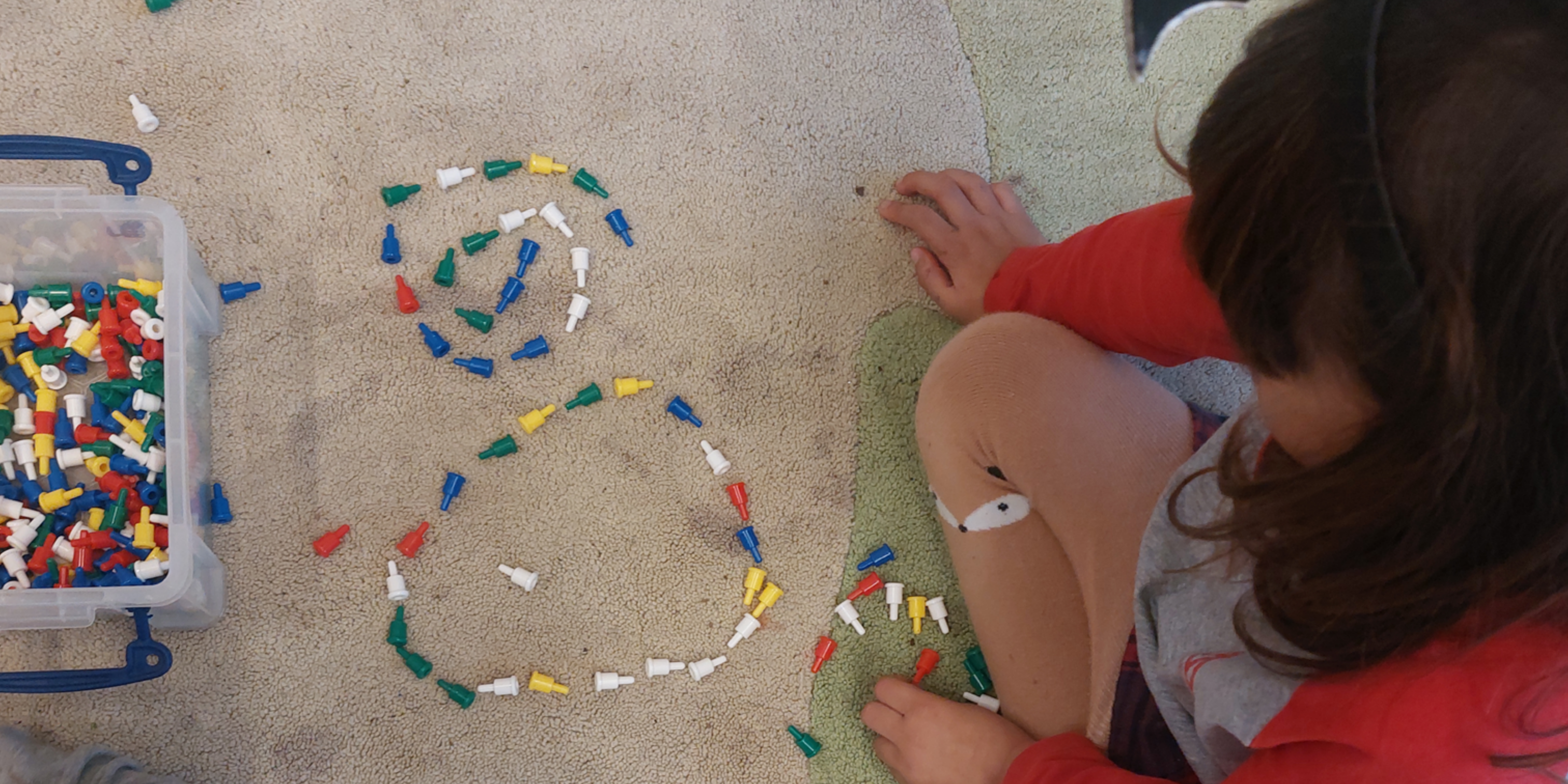
É por isso que o papel do educador de infância é tão importante, apoiando, acompanhando, provocando e dando espaço e tempo para estar com.

Revemo-nos assim numa outra ideia de Carson (1998) quando diz “I sincerely believe that for the child, and for the parents seeking

to guide him, it is not half so important to know as to feel. If facts are the seeds that later produce knowledge and wisdom, then the emotions and impressions of the senses are the fertile soil in which the seeds must grow. The years of early childhood are the time to prepare the soil”. (p. 44)

O educador é muitas vezes apelidado de jardineiro. É ele que prepara o solo para que a semente brote em todo o seu esplendor, com a força necessária para abraçar o mundo a que pertence e com a consciência que todos somos parte do mundo natural.

Não menos importante é o próprio educador estar sensível, desperto e consciente desta realidade, nunca se esquecendo de ouvir as crianças, respeitando o seu papel ativo na sua visão do mundo e no seu desenvolvimento.



Capítulo 1 – O momento

Quando conhecemos o caracol: os cuidados e as procuras no recreio de um amigo que quisemos proteger no canteiro da sala mas que seguiu para novas aventuras.



É sexta-feira, 10 de novembro, e é hora de regressar do último recreio da semana para a tarde na sala. A ansiedade é particularmente grande hoje: afinal de contas, nas suas mãos, o Xavier tem um caracol. Este caracol que o Xavier traz do recreio vem agora morar no

canteiro da nossa sala, pois, segundo o próprio: ***Ele é frágil e precisa de estar protegido.***

Segue-se o fim de semana e, na segunda-feira, olhos curiosos e arregalados invadem a sala para dizer bom dia ao caracol. Mas ***onde está o caracol?*** O caracol tinha seguido o seu caminho, talvez em busca de novas aventuras. Como seria de esperar, todos queriam que o caracol tivesse permanecido a criar morada naquele nosso cantinho. Foi perante este interesse e vontade que lhes propus então procurá-lo pelo recreio. Assim, na manhã do dia seguinte (14 de novembro) com um pequeno grupo, rumámos ao recreio para reencontrar o caracol ou, quem sabe, para conhecer outros seres da sua família.

Podemos levar uma lupa, Carmo!, afirmou a Júlia tranquilamente.

E lá fomos à procura do caracol. Enquanto os nossos olhos procuravam aquele pequeno ser surgiram diálogos sobre os caracóis, recuperando o que já sabíamos; ativando memórias de experiências vividas com aquele ser:

Beltrán – ***Não está a chover Carmo, é por isso que eles não estão cá!... Eles conseguem subir muito alto!... Sabes, eu apanho-os na praia, na zona das plantas!***

Xavier – ***Deve estar aqui escondido na caixa de areia***

Júlia – ***Sim! Vamos fazer um buraco, ele deve estar aqui!***

Depois de algum tempo a procurar e sem encontrar nenhum caracol, decidimos que iríamos passar este desafio ao grupo no momento do recreio. E assim, resilientes, voltamos à sala onde continuamos as nossas investigações, mobilizadas por curiosidades e procura de respostas.

Durante estes gestos de cuidado e atenção das crianças, sensibilizou-me a ideia do que já é claro para elas; o caracol que vive no recreio é um tesouro. Aproveito para pensar e valorizar esta possível socialização com seres de outra espécie. Recorro a um dos encontros da CoP e coloco, à discussão, este princípio de uma história que promete. Aqui fica o relato de uma parte dessa discussão:

A Carmo partilha que as crianças têm recolhido objetos do recreio e seres como caracóis para colocar no canteiro da sala como forma de os proteger pela sua fragilidade; refere que na sua sala tem uma área das ciências na qual estes elementos têm sido arquivados e explorados. Neste contexto, conta a história de um encontro com um caracol. A este propósito, a Assunção reforça a relevância da observação, atenção, da importância de tantos pormenores, neste processo de aproximação ao caracol. É de recorrer à lupa, ao desenho, ao projetor, às palavras, no reforço desta aproximação. A Maria Ilhéu relembra a necessidade de alimentar modos de cuidar os

caracóis e discutir os seus limites. A Mariana Valente: “o canteiro, com as suas fronteiras, foi pensado como espaço de proteção. Mas o caracol não aceitou aqueles limites. Será que os vê como prisão? Não será de o seguir e confiar na sua inteligência?”

Excerto da síntese da sessão COP, novembro 2023

Capítulo 2 – O alimento

Depois deste primeiro momento, inquietante e de reconexão com este ser, pensei como poderia promover o ampliar desta espiral de conhecimento, mesmo na ausência do caracol.

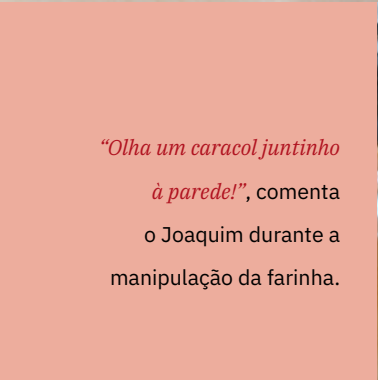
Procurámos então recordar como são os caracóis e assim recriá-los por meio de outras linguagens: ***Querem experimentar construí-los?*** pergunto eu, enquanto preparo alguns recursos. Preparei fios de lã, plasticina, jogos de construção e tabuleiros com farinha, esperando que enquanto as suas pequenas mãos moldassem, a sua mente desenhasse os seus pensamentos e estes fluíssem em ricos diálogos e partilhas no seio do grupo.

E assim foi. À medida que a manipulação de materiais acontecia, eu sentia que se ampliava a forma como juntos construíamos representações deste ser. O facto de cada um ter a liberdade de explorar os materiais de

forma individual, potenciou a construção de concepções comuns. Ao dialogar sobre o que já sabiam e sobre como este ser já lhes era familiar, foram alimentando e promovendo a relação com o ser caracol.



“É uma família: o pai, a mãe e o filho caracóis!”, afirma o José enquanto molda plasticina com o Beltrán.



“Olha um caracol juntinho à parede!”, comenta o Joaquim durante a manipulação da farinha.



A par das conversas na COP e das leituras que aqui foram sendo propostas, tornava-se cada vez mais claro que estava perante um processo de noticing de que nos fala Anna Tsing (2010) em *Arts of Inclusion, or How to Love a Mushroom*. Foi assim que senti a necessidade de alimentar modos de conhecer de cativar o amor construído com modos de *estar com*. Tamanhas foram as explorações, recriações e conversas empáticas em relação a estes seres que me perguntei: *Será que estar com implica o estar físico? Será que sem o encontrar não conseguimos estar tão perto dele? Descrevê-lo? Formular hipóteses sobre os seus habitats, características?*

Também as histórias foram veículos do imaginário que nos permitiram problematizar, conjecturar. Em pequenos grupos, partimos da pergunta *“Onde estará o caracol?”*, para criar diversas narrativas ilustradas.

***O caracol perdeu-se da mãe e está a chorar
Ele precisa de ter cuidado com os carros na estrada***

A fala que acompanha o processo de elaboração das histórias ilustradas revela um processo de aparentamento com o caracol. As crianças procuravam imaginar o que sentiria o caracol, através das suas próprias sensações. A aproximação ao caracol ia acontecendo e era bonito de ver.

Neste momento do processo, foi, para mim, fundamental criar espaço para promover um clima de livre expressão, no sentido usado por Vygotsky.

... a linguagem é o meio que opera a transformação dos vários coparticipantes numa atividade, tendo em conta que a aprendizagem é, ao mesmo tempo, um processo social e individual, seguindo uma trajetória de fora para dentro. Ou seja, a fala de uns vai, pouco a pouco, introduzindo mudanças no pensamento dos outros. Pois, como ele próprio dizia, “todas as funções mentais superiores são relações sociais interiorizadas” (Vygotsky, 1981, p. 164). Daí a vantagem da livre expressão.

(Serralha, 2016, p.55)

A par deste processo narrativo, criativo, sentiu-se a necessidade de refletirmos e escrevermos o que já pensamos saber sobre caracóis, num projeto onde os conhecimentos científicos acompanham, clarificam e complementam as conceções das crianças.

Durante este processo foi interessante denotar como os dois caminhos, o criativo e o científico, se cruzaram. Ao longo do processo criativo e das decisões que iam sendo tomadas em pequenos grupos, emergiam questionamentos de cariz científico:



Capítulo 3 – O acaso

O caracol tardou, mas chegou quando me-
nos esperávamos: numa saída pelo bairro os
olhos pousaram numa esquina/pedra e... ali
estava ele. ***Carmo, vamos levá-lo para a sala***
afirmou o Helios enquanto o agarrava entre os
dois dedos.

Ele podia ficar na nossa sala! acrescenta
o Axel.



A decisão foi unânime. O caminho de re-
gresso à escola foi de euforia, planeando uma
nova vida para aquele ser. O recreio foi um
longo tempo de espera até regressarmos à
sala onde, em coletivo, decidimos o que fazer:

Comecei eu por questionar: ***Porque é que
quando vínhamos do parque a Carmo pegou
nesta pedra?***

Indah – ***Porque se ele tem muita cola pe-
gajosa, é para se colar.***

Continuo a estender este raciocínio:
Alguém disse algo, acho que foi o Gaspar
que disse

***Ele é pegajoso, ele prende-se às coisas. As-
sim eu pu-lo nesta pedra para estar protegido.***

A Rose também disse uma coisa quando
vínhamos a caminho. O que foi Rose?

Rose – ***Que ele precisa de comer erva...
água... e também comida fruta!***

Boa, comida! Mas o que é que ele come?

Indah – ***Folhas***

Rose – ***Salada***

Hector – ***Ervas***

Arto – ***Palha!***

E assim nasceu uma explosão de con-
cepções sobre as necessidades do caracol.
Depois de tanto tempo a imaginar, pudemos
concretizar aquilo que é ter um caracol con-
nosco todos os dias! O encantamento foi claro
desde o primeiro segundo. Os olhares atentos
adensaram-se.

Capítulo 4 – O aparentamento
A primeira noite

Ao chegar à escola no dia 11 de janeiro,
era óbvio para quem seria o primeiro bom dia.
Mas há um mistério a resolver. O caracol já
não estava na caixa onde o deixáramos. Mas
deixou diversas pistas sobre o seu paradeiro.

Pequenas dentadas na Lista de Projetos
da sala e os dejetos deixados na caixa diziam-
-nos que ele andava por ali.

Já sentados no tapete, ao olhar para a
parede da sala, reparámos em algo. Mesmo
lá em cima, junto à biblioteca, lá estava ele.
Agarrado à parede de madeira!

Recapitulo: ***Agora o caracol está lá na pa-
rede, não é? Ele estava na caixa, fez cocó, co-
meu o papel, desapareceu e agora vimos que
ele está ali. Então se eu olhar e ele já não es-
tiver lá? O que podemos fazer para descobrir
onde está?***

Procurar o seu caminho diz a Rose.

Como? Porque ele liberta o quê? procuro
completar.

***A baba. Põe baba nas coisas e depois pode-
mos tocar*** – acrescenta outra criança

***Se pusermos a mão podemos sentir. Senti-
mos o quê com as nossas mãos?***

Rose – ***Sentimos o caminho... um bocadi-
nho de cola. Se ele está ali vai cair.***

Indah e Rose – ***Não porque ele tem cola !***



Registo fotográfico
do momento em que
encontrámos o caracol
e um primeiro desenho
deste aparentamento.



Amélia – *Mas quando ele está a cair, depois parte-se.*

Mas realmente o que os amigos estão a dizer é muito importante, Amélia: Ele tem uma cola que o ajuda a segurar-se mesmo quando está dentro da sua carapaça.

Margot – *Eu nunca vou pisar no caracol*
Porquê Margot?, pergunto eu.
Porque eu não quero – Margot
O que sentes pelo caracol. Se não o queres pisar?

Porque eu quero lhe fazer bem – Margot
Rose – *Eu não o quero pisar, porque eu quero ver onde ele vai.*
Então agora durante a manhã, podemos escrever as aventuras do caracol

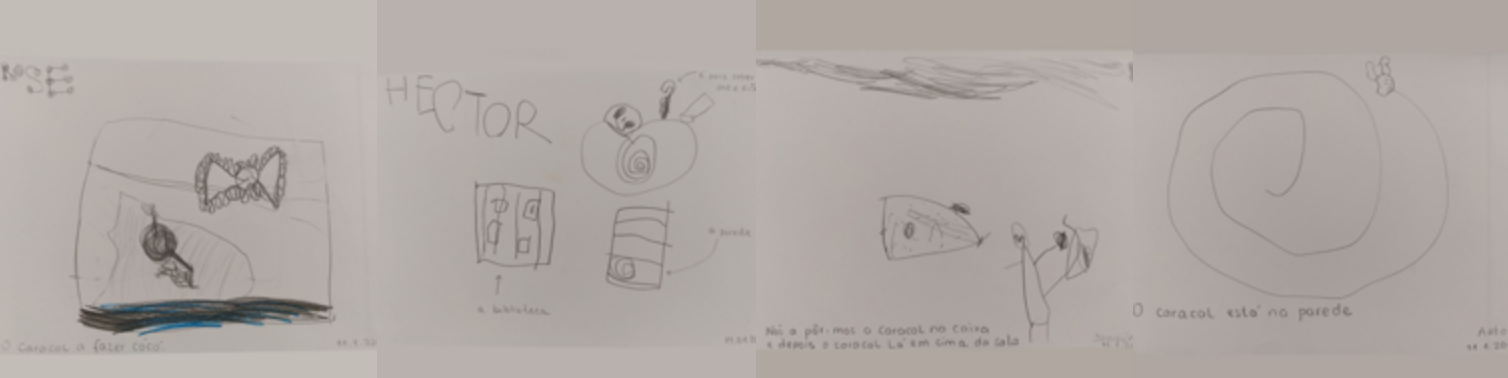
E não é que caiu mesmo?!

Mais uma noite passou e, no dia seguinte, esperávamos que o caracol lá estivesse na parede à nossa espera.

Mas, não é que ele estava no chão da sala junto à parede? Fazia acompanhar-se de um pedaço de casca partido e de um rasto de “cola”
Já passando das nossas mãos para a caixa, eu digo:

Ele está a sair! Nós pusemos o quê?
Água.
Se calhar tem sede.
Ele está vivo, afinal partiu um bocadinho a carapaça mas está vivo. Ele é enorme já viram? O que ele estará a fazer?
Está a sair.
Ele está a comer
Será que ele vê que nós estamos aqui a olhar para ele? acrescento eu pondo-nos no mesmo patamar.
Não, ele está a comer... comeu a terra.

Registos a carvão dos recentes acontecimentos com o caracol.



Se calhar está na hora de pôrmos um bocadinho de erva como a Rose disse. Queres ir lá fora buscar?

Ele está a dizer: Don't look at me?
...
Ele está a tentar sair. Ele está a conseguir sair!

Afinal ele anda mais depressa ou mais devagar do que pensávamos?
Anda depressa
A baba!
A cola! A baba!

Uma caixa chamada casa

Foi perante as últimas peripécias que, a 12 de janeiro, tomámos uma decisão:

Precisamos de uma casa onde ele esteja mais protegido – Margot

Partimos então em busca de encontrar a melhor casa para ele morar. E foi aqui que se reencontraram todos os conhecimentos que tínhamos até então. Testámos hipóteses e aninhámos da melhor forma que sabíamos este nosso amigo.



Essas crianças parecem já participar de um sentimento de parentesco entre humanos e não-humanos, em que a responsabilidade uns pelos outros é cultivada (Haraway, 2016).
(Motta & Ferreira, 2019, p.19)

18 de janeiro de 2024

Olhar mais de perto e testar hipóteses

Neste dia retomo o microscópio para melhor observarmos este ser.
Observar é também sentir nas mãos o caminhar lento e pegajoso.
Olhem, fiquei com cola na mão! Francisco
A pergunta sobre o que ele come levou a observações prolongadas.
Eu acho que ele gosta de alface – Diz o Francisco enquanto o pequeno grupo tenta que o caracol experimente a alface que pedimos na cantina.



Capítulo 5 – A despedida

A 8 de fevereiro chegou o dia de dizer adeus, sentia que deveria lançar esta questão ao grupo. Sentia que este ser precisava de voltar a escolher onde estar. Tive a consciência que era importante que a dimensão do respeito pela vida boa do caracol tinha que ser trazida para as crianças; decidi então partilhar o meu sentimento com as crianças:

Queria dizer-vos uma coisa. Estive a pensar se o caracol não precisa de voltar a escolher onde morar? Não será que precisa de mais espaço?

Sim, podíamos pô-lo no recreio.

Sim, ainda por cima está a chover hoje, Carmo!

Fiquei satisfeita com a rápida compreensão de um outro ponto de vista. Pensar no bem-estar do caracol, abdicando da nossa vontade de o ter por perto. Sabemos o que custa separarmo-nos de quem gostamos.

E assim foi. Terminada a reunião, algumas crianças logo se disponibilizaram para abrir a caixa e colocá-lo na mesa molhada do recreio.

Voltaram para dentro e, em jeito de despedida, ficaram a observar com interesse e alegria os movimentos que, lentamente, o caracol iniciou na pedra molhada em busca do seu mundo.



Dias mais tarde, numa visita ao Museu Bordalo Pinheiro, observámos que nas suas paredes vive também um gigante caracol. A relação com o nosso caracol foi imediata: ***Olha Carmo, aqui também há um caracol como o nosso.***

Também o Xavier, meses mais tarde, pede à mãe para partilhar comigo uma fotografia de um caracol que encontraram num passeio de fim de semana.

Alegrou-me ver que a história continua onde quer que vamos. Dentro destas crianças, vive a empatia com este ser que os acompanha.



Defende Wells (2001), que “uma visão da educação derivada da teoria sociocultural... propõe uma conceptualização dialógica do ensino/aprendizagem onde o conhecimento é co-construído conjuntamente pelo professor e os estudantes enquanto realizam atividades conjuntas que se negociam em vez de serem impostas”

Serralha, 2016, p.57

E assim, como se de uma espiral se tratasse, viajamos por um enamoramento, nem sempre palpável mas sempre vivido e rodeado de cuidado, carinho e muita atenção. Este ser, o caracol, foi, é e decerto continuará a ser motivo de muitas e novas viagens, acima de tudo será motivo de parar, olhar e estabelecer conexões com os outros que connosco coabitam.

A viagem fez-se de um primeiro momento de encontro, caminhando por um alimento desta relação que foi crescendo e que, fruto do ***acaso*** nos conduziu a um bonito ***aparentamento***. Naturalmente, e num progressivo diálogo honesto e sincero, terminámos numa ***despedida*** que não é nada mais do que um até já!





Nomes e idades das crianças

- Amélia (4)
- Arto (4)
- Axel (5)
- Beltrán (5)
- Francisco (4)
- Gaspar (5)
- Hector (5)
- Helios (5)
- Indah (4)
- Júlia (4)
- Margot (4)
- Rose (5)
- Xavier (4)





Até lá, a sombra remetia-me para o lá, para o também, para o que complementa. E lá... nesse dia, 4 de maio de 2024, falámos sobre sombras e experimentámos, brincámos, com elas.

Olhá-las de outras formas fez-me repensar e ativar a minha atenção.

Lá, num sábado partilhado em comunidade, por entre leituras, debates e experiências, no recreio da minha escola, transformei a minha visão sobre as sombras.

A partir deste dia, os meus olhos passaram a ver mais sombras e com elas mais “coisas do mundo”. E agora busco-as em diferentes ambientes sem deixar de me surpreender e maravilhar.



Hoje é 14 de maio e estou na sala com as crianças. Reparo que durante as atividades autónomas da manhã também o sol gosta de dizer bom dia e passa pelo vidro das janelas da sala para nos tocar.

E tocou plantas e gente nas suas brincadeiras. Ofereceu-lhes, ofereceu-me, sombras que não me cansei de admirar e que me encantaram... E consegui passar este encantamento para as crianças:

Olha aqui Leyla!, disse eu, enquanto colocava uma folha de papel no chão junto à brincadeira da Leyla com os “animais” da área das ciências.

A Leyla está fascinada com as formas que vê nas sombras e com cuidado procura encontrar o contorno destas formas, e transpor para outra dimensão aquilo que vê.

Outras crianças juntam-se e as sombras multiplicam-se, para o encanto de todos.

Precisamente um mês passou e eu digo às crianças: ***Hoje vamos observar melhor as plantas que vivem conosco, através das suas sombras. Vamos colocar esta grande folha de papel no chão. O que vêem?***

Parece uma floresta!, alguém disse...

Querem desenhar os contornos das folhas? Será fácil? Vamos tentar.

Passado algum tempo: ***Carmo, Carmo a sombra está a fugir!***

Vamos ver, ao longo do dia, como a sombra muda de lugar.

As crianças constataam a mudança de lugar das sombras das folhas e exprimem as dificuldades que sentem ao desenhar os seus contornos: ***A sombra desta folha agora está aqui. Isto é difícil de desenhar porque são muitas folhas e quando acabarmos já mudou de sítio.***

Pois é... Será que conseguimos apanhar a sombra?

Não conseguimos, ela não pára de fugir.



Descobriste uma coisa importante: as sombras do sol movem-se ao longo do dia. Mas serão só as sombras do sol que fogem?

Não foi só na sala que nos encantámos com a visita do sol. Hoje, ao sair para a floresta, o sol de maio acompanha-nos. Brincamos com a sombra e sentimo-la com o nosso corpo.

E se agora eu pusesse o meu braço aqui? O que vêem? É a sombra de quem?

Também projetámos as sombras de folhas e ramos, em outros materiais: papel e pedaços de madeira que por ali encontrámos, numa atividade em que a sombra surge como captação do momento/objeto.

A Rose procurou uma folha que tinha dentro da sua mochila e a Amália as suas canetas. A Rose optou por captar em papel a sombra da planta que escolheu, enquanto a Amália escolheu um pedaço de madeira para “gravar” a sombra com a sua caneta.

Amália – *É difícil, está a mexer-se, graças à aragem.*

Umás linhas mais tarde a Amália suspira: *Ai estou cansada, doem-me os olhos de olhar tanto tempo.*

Amália, podes sair da frente, sff? Senão não consigo desenhar, diz a Rose à Amália enquanto esta admirava o seu registo.

Duas semanas depois, voltamos à floresta com a intenção de explorar as sombras. Desta vez a mochila transporta já algumas folhas de acetato coloridas. Ao chegarmos, algumas crianças começaram automaticamente a procurar as sombras das plantas com as quais se

depararam na última vez. Procuram o papel e os lápis (desta vez previamente planeado com as crianças na escola) e surgem os primeiros contornos.

Querem experimentar estas folhas de acetato? pergunto eu.

No início as crianças observaram-se umas às outras por entre a folha de acetato azul, rindo-se da sua cor. Ao moverem a folha pelo ar, ajudei-as a experimentá-la sobre a folha de papel branco:

A sombra fica azul!

Podes segurar Carmo, enquanto eu desenho?

Logo outra mão, que passa por ali, pousa um bichinho de conta sobre a folha azul:

Olha o bichinho de conta, parece que está na folha de papel branca.

Olha, Carmo. Desenhei as sombras desta folha e do bicho de conta!



Este momento encantou-me particularmente. É um reflexo das camadas de afetação destas crianças, enquanto se encontram numa observação de sombras no seu espaço de floresta. Com o desenho das sombras conheceram melhor as formas do bicho de conta e das folhas.

Já na escola retomamos o conceito de sombra, exploramos as sombras com o nosso corpo e com objetos que escolhemos na sala.

Agora já não são as sombras do sol. O nosso “sol” agora é a luz do retroprojektor.



Foi interessante ao longo deste processo escutar os comentários que surgiam nas tentativas de traçar as nossas sombras:

Temos que nos aproximar mais do papel, Carmo... e a luz do projetor tem que estar mais longe!

Entretanto, as crianças lembram-se do facto das sombras do sol fugirem e sentem a diferença:

Esta luz não se mexe, podemos demorar a desenhar as linhas do nosso corpo!

É verdade o “sol” não se mexe, mas se se deslocarem à volta desta luz as vossas sombras também fogem... experimentem!

Pois é... então não é o sol que se mexe?

Há vontade de voltar às sombras do sol. Escolhemos vários objetos do nosso quotidiano e tentámos delinear as suas sombras com a rotineira e amiga luz do sol que invade a porta de vidro da sala:

Não te ponhas à frente, Hélio, senão a luz não passa!

Esta sombra é verde e não preta!», afirma o Hector ao desenhar um objeto translúcido de cor verde.

As sombras serão pretas? pergunto eu.

E uma nova discussão começa.

Todo este processo mostrou-me como, quando mudamos e prestamos atenção a algo, esta atenção se expande e ganha ramificações no nosso trabalho. Todas as vivências iniciais que vivi com o grupo OutGoing permitiram-me desenvolver um maior cuidado, amor e atenção, que se “agarraram a mim” como a sombra do Peter Pan.

E, comigo, outras crianças puderam fascinar-se, questionar, experimentar. Diferentes formas de luz, diferentes materiais, lugares e pessoas. Todos questionamos e todos nos enamoramos por algo que está sempre lá: a sombra.



Nomes e idades das crianças

- Rose (5)
- Amália (5)
- Hélio (5)
- Leyla (5)

Neste epílogo, repicamos as histórias com bico de toutinegra e nutrimos o seu valor recorrendo à nossa cultura e saberes pedagógicos, dos quais fazem parte autores de origens diversas (filósofos, antropólogos, pedagogos, escritores). Fazemo-lo a dez mãos, ampliando as possibilidades de construção de mundos mais-que-humanos, de bem-estar e de bem-devir compartilhados.

**Estar em casa no mundo...
ou o coração ao ritmo da terra**

As mini-histórias e narrativas partilhadas neste livro revelam-nos experiências de reconhecimento, proximidade, empatia, criação de laços e interdependências múltiplas – entre crianças, educadoras, professoras e outros humanos e não humanos – relatos de uma comunidade que se foi fazendo através das suas práticas, num esforço coletivo de se encontrar e criar sentidos.

Entre os vários eixos que constituem o referencial comum desta comunidade, reforça-se a perspetiva existencial e educativa de que as crianças, como seres, existem “no” e “com” o mundo, natural, cultural e social, defendendo-se a ideia de “educação centrada no mundo” (Biesta, 2022). Para Gert Biesta, redirecionar a atenção das crianças para o mundo permitir-lhes-á a tomada de consciência e a descoberta das suas potencialidades e dos seus limites, do que lhes é oferecido e do que se lhes exige, num exercício conjunto de democracia e de ecologia. Assim, um dos grandes desafios da educação, hoje, encontra-se no criar condições para que as crianças possam “estar em casa no mundo” (Arendt citada por Biesta, 2022).

“Estar em casa no mundo”, ou habitar o mundo, no tempo e horizonte histórico que vivemos, com os desafios da digitalização, do afastamento do corpo e o distanciamento entre os humanos e os outros seres no mundo (Borges-Duarte, 2024) é um desafio para todos. Como manter e potenciar a abertura à Terra e aos Outros? Como pertencer, enraizar-se e sentir-se em casa, como sentirmo-nos juntos uns com os outros?

As mini-histórias e as narrativas, que emergem da experiência de existir, envolvem profundamente o ser criança, revelando alianças afetivas com a terra, a caruma, as árvores e a floresta, as abelhas, as formigas, os caracóis, a luz e as sombras, as pedras e as muralhas, e ainda com o bairro. Estas alianças afetivas, que significam a criação de afetos entre mundos não iguais, produzem novas constelações com outros seres – integrando humanos e não humanos – abrindo possibilidades para outros mundos (Krenak, 2022).

Talvez demorar-se, familiarizar-se com as coisas e as gentes, possibilite manter o afeto e o pensar e viver com a terra e as árvores e as aves e os sonhos e as histórias...

Estas narrativas coletivas que traduzem diferentes possibilidades de estar no e com o mundo, estão repletas de sensibilidade e

de encantamento para com o mundo natural, cultural e social. Cada uma delas desvela pequenos/grandes momentos de encontro, conexão, descoberta, cruzamento, transformação, exploração e de imaginação. Estas experiências de conexão com o mundo natural e cultural permitem colocar o coração ao ritmo da terra como nos diz Ailton Krenak (2022, p.118), expandindo a compreensão de que fazemos parte de um todo, num coletivo integrado que é a natureza: “Estamos vivendo num mundo onde somos obrigados a mergulhar profundamente na terra para sermos capazes de recriar mundos possíveis.” (p.37).

Por outro lado, a exploração de múltiplas linguagens de escuta e de partilha – o desenho, a fotografia, a colagem, a cartografia, a prosa e a poesia, entre outras – relembram-nos o compromisso de Loris Malaguzzi para com as crianças, que têm cem mundos para inventar, cem mundos para sonhar. Através da imaginação e dos sonhos, as crianças ensinam-nos a ver e a sentir o mundo porque têm acesso direto ao espaço dos sonhos onde o saber se encontra, expandindo um modo de dizer de Davi Kopenawa sobre a cultura Yanomami (Kopenawa & Albert, 2010). E sonham as raízes das árvores e o que está debaixo da

caruma, da areia e nas nuvens desenterradas, como diria Mia Couto.

Conspirar

A ave e o galho onde ela pousa são um só.
Richard Powers (2023, p. 196).

Ave de galho, caracol de conta, abelha de flores, galho de ave, flores de abelha, criança de tronco, conta de caracol, tronco de criança, árvore de luz, luz de árvore e tantas outras simbioses presentes nestas histórias testemunham uma realidade de inter-relação que é intensificadora de cada singularidade, nas suas capacidades “de sentir, de pensar, e agir em intimidade com uma imensidão de seres” (Drum, 2023, p. 233). O “ser um só” da frase em epígrafe e das histórias aqui presentes significa aprender a ver muitos outros modos de poder ser, nessas intimidades que vamos vivendo com tantos outros seres. E aprendemos isso com as histórias que vamos lendo e que alimentam a imaginação das crianças e dos adultos nas imersões do mundo que vão fazendo. Estas imersões dão origem a muitas outras histórias onde as sensações, as observações e a imaginação se frutificam, em espiral, te-

cendo mundos sensíveis de socialização com outros seres, onde os afetos se vão instalando.

As histórias aqui presentes relatam momentos de imersão no mundo, orientados por uma cultura educacional que retira ao ser humano a excecionalidade mundana, que lhe tem sido atribuída ao longo dos séculos, e que cultiva a atenção ao mundo que é humano e não humano, ou seja, ao mundo mais que humano.

Os protagonistas conspiram, unem-se no gesto da respiração e unem-se em muitos outros gestos, como as histórias vão exibindo.

A escrita destas histórias consolidou e ampliou a sensibilidade de quem as escreveu, ajudando, talvez, a fazer-se outra no seu próprio corpo de educadora e a preparar-se para conduzir ou deixar-se conduzir por outros, nomeadamente crianças, em novas aventuras de (re) existir em comunidades multi-espécie. As imagens, os desenhos, as palavras contidas nas histórias não pretendem ser representações do mundo, mas aspiram a ser “condensações poéticas de outras palavras, de outras imagens de outros desenhos, de outras histórias, como se se tratasse, sobretudo, de puxar fios e de ir tecendo, de muitas formas e continuamente, a textura do mundo” (Caeymaex, 2019, p.43).

O espanto ou de tanto imaginar... o conhecimento

Há, dentro deste livro, histórias com crianças que se encontram com o outono através das sombras, do cheiro da terra molhada, do castanho do barro das poças de água, das gotas de orvalho. Aprendem o mundo com o caminho que fazem para a “sua Floresta”, para a “sua Mata”, com uma miríade de seres que encontram e cujas mãos de todos os humanos do mundo não chegam para contar. O encontro com a vida desses seres é um encontro de interesses, de curiosidades, de importâncias e de afinidades que se vão co-construindo. Esta afetação e afeição pelas coisas do mundo é para nós uma resposta hábil (Haraway, 2016) à crise de sensibilidade que compromete a nossa relação com os outros viventes, com o solo, a água, as rochas, os ecossistemas. “A crise de sensibilidade ao mundo é em grande medida o resultado da extinção de experiências com aquilo a que chamamos natureza” (Morizot, 2022, p. 6). Nas histórias deste livro contam-se acontecimentos que resistem à extinção da experiência com os outros, humanos e não humanos, mostrando a importância desses encontros inesperados.

São encontros que se fazem com muitos; um caracol, uma abelha, uma pedra, um cepo de árvore, uma sombra... Nestes encontros, as dúvidas das educadoras vão cedendo lugar à ousadia de deixar acontecer a descoberta, à abertura para a entrega dos corpos, ao prazer das conexões. E é assim que se pode encontrar algo, como uma sombra, que nos encontra também e descobrir o espanto e as inter-relações. As descobertas e as aventuras das crianças trazem também mais mundo ao mundo dos adultos e lhes lembram a importância de imaginar; para conhecer, temos que imaginar (Molder, 2007).

Go noticing – encontros com (a) atenção

Um dos textos que lemos na comunidade OutGoing tem um título raro: *Arts of Inclusion or How to love a mushroom*. Escrito por Anna Tsing (2010), conta histórias de observação, atenção, emoção, afetação e conhecimento dos cogumelos, seres de construção de relação e de concretização da ecologia do mundo. Go noticing... foi inspiração. Nos passeios, nas visitas e revisitas aos lugares da vida quotidiana das crianças que participam no OutGoing, a sua atenção parece apurar-se. Apura-se por

que se abre ao mundo e ao que aí se encontra, notando, narrando, dando a ver aos adultos que tantas vezes pensam já ter visto e percebido o mundo que habitam e os lugares por que passam.

De muitas formas, no projeto OutGoing, educamos o olhar. Educar o olhar exige estar presente no presente, “requer uma prática de pesquisa crítica que realize uma mudança em nós mesmos e no presente em que vivemos, e não uma fuga dele (em direção a um futuro melhor)” (Masschelein, 2008, p. 36). É olhar e voltar a olhar, repetidamente, demorando o olhar, vendo mais longe, mais fundo, mas perto. É estar aí, plenamente, aprimorando o encontro, repetido ou inesperado, e escutar, com os outros seres vivos, não vivos e imaginários.

Se, em educação, nos dizem que a intencionalidade caracteriza a intervenção profissional: dá sentido à ação, projeta-a para um futuro que somos capazes de antecipar, desejar e desejar; e se, em investigação, é necessário perspetivar o futuro em forma de objetivos mensuráveis, operativos e exequíveis... no OutGoing praticamos a lentificação do tempo, a repetição de atividades, exercitamos o empirismo delicado (Goethe citado por Valente & Ilhéu, 2021). Buscamos a atenção sem inten-

ção (Ingold, 2020; Biesta, 2022) – to pay attention is not a matter of intention, of focusing our attention on something we already know, but it is about opening up and allowing ourselves to be affected (Biesta, 2022, p. 96).

Estas histórias são elementos que fazem parte de um movimento de tomada de consciência das vivências e das práticas de crianças e educadoras em múltiplos Jardins-de-Infância e Creches, dentro e fora de portas. Práticas inventivas e interessadas de aproximação a outros seres e ao mundo, conscientes que somos e estamos no mundo com muitos. Mas são também tempos de pausa, pontos de reencontro com o cotidiano, desvelando, desfiando e tecendo conversas, espantos e inter-relações.

Pontos de vista partilhados fazem emergir acontecimentos que assim surgem na espuma dos dias e oferecem possibilidades de estar e educar:

“Tocam, sentem, cheiram, olham, re-olham e provam” lê-se em *Corpo a corpo*, numa narrativa da sensorialidade da relação com a natureza;

A densificação do instante da busca lúdica, concentrada, persistente, da própria sombra, de uma criança de 2 anos, tornando clara a atenção das educadoras que pre-

sentificam aquele caminhar da descoberta da sombra;

Fotografias que permitem ver uma e outra criança (con)centrada no mundo, sabendo que é o olhar educado das educadoras que as dá a ver e as permite acontecer;

Encontros imprevistos com os outros sobre os quais lemos na narrativa *Em (trans)formação com o mundo*.

Em comum têm um modo de *noticing*, de ir ao encontro de, ou de abertura ao que vem ao nosso encontro. Um tempo de *Estar* e *Ser* suspenso e ancorado no tempo lento, de reflexão, de escrita, aprofundado nas conversas nas atividades em comum e no estar com. No estarmos juntos no mundo natural e cultural.

Encontros entre próximos ou entre os que se vão familiarizando ou aparentando. Encontros com palavras e que celebram a alegria de nos sentirmos em casa no mundo e juntos. Movimentos em direção a possibilidades efetiva e afetivamente criadas.

Perante a abundância do mundo, buscamos, de modo errante e incessante, praticar e inspirar uma pedagogia pobre que

nos convida a sair para o mundo, a nos expormos; em outras palavras, a nos colocarmos numa “posição” fraca, descon-

fortável [...]. A pedagogia pobre oferece meios que podem nos tornar atentos, que eliminam ou suspendem a vontade de nos submetermos a um regime de verdade (Fabian, 2001) ou de nos submetermos a uma vantagem ou lucro. A pedagogia pobre não promete lucros. Não há nada a ganhar (não há recompensa), não há lições a serem aprendidas. No entanto, essa pedagogia é generosa, ela oferece tempo e lugar, o tempo e o lugar da experiência

(Masschelein, 2008, p. 43)

Um dia, a Mariana falou-nos de Lévy-Leblond, um físico contemporâneo que afirma a existência do livro de contos da natureza, para além do seu livro de contas (Gomes et al., no prelo). Divergindo da tendência que tem ocultado os processos de educação em função do seu livro de contas, aqui contaram-se histórias que alimentam o livro de contos da educação.

Almeida, T., & Costa, L. B. (2021). Cartografia infantil: enfoques metodológicos seguidos de experiências com crianças e jovens de Portugal e Brasil, *Childhood & Philosophy*, 171-24.

Biesta, G. (2022) *World-centred education: a view for the present*. Routledge.

Borges-Duarte, I. (2024). O que é estar em casa? Fenomenologia da perplexidade da existência em risco. In E. Dutra (Ed.) *Fenomenologia Existencial e o habitar na contemporaneidade* (pp 33-48). Juruá Editora.

Bruner, J. (1991). A construção narrativa da realidade. *Critical Inquiry*, 18 (1), 1-21.

Bruner, J. (2000). *A cultura da educação*. Edições 70.

Caeymaex, F. (2019). Introduction – des cyborgs au Chthulucène. In F. Caeymaex, V. Despret & J. Pieron (coord.) *Habiter le Trouble avec Donna Haraway* (pp.37-57). Éditions Dehors.

Campos-de-Queiroz, B. (2005). *Por meio dos sentidos suspeitamos o mundo*. Miguilim.

Carson, R. (1998). *The sense of Wonder*. Harper Collins Publications.

Drum, T. (2023). Histoires terrestres. In D. Debaise & I. Stengers (coord.), *Au Risque des Effets* (pp.231-257). Les Liens qui Libèrent.

Ellis, E. (2016). *Ke Iz Tuk?*. Mini Orfeu.

Freire, M. (1999). *A paixão de conhecer o mundo*. Paz e Terra.

Gomes, E. X., Folque, A., Valente, M. P., & Kene, V. (no prelo). Nutrir a qualidade em educação de infância na/com a natureza: uma conversa em tom menor com uma comunidade de práticas. *Zero a Seis*.

Haraway, D. (2008). *When Species Meet*. University of Minnesota Press.

Haraway, D. (2016). *Staying with the Trouble — Making Kin in the Chthulucene*. Duke University Press.

Hirao, H., & Chaparim, M. A. S. (2019). Deriva, Cartografia e Intervenção: A pequena cidade de Regente Feijó. *Revista Rua*, 25 (2), 551-569.

Ingold, T. (2020). *Antropologia e/como educação*. Editora Vozes.

Jacobs, C. (2021). *Joaninha Salva as Abelhas*. Booksmile.

Koppenawa, D. & Albert, B. (2010) *A queda do Céu*. Companhia das Letras.

Krenak, A. (2022) *Futuro Ancestral*. Companhia das Letras.

Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Situated learning: Legitimate peripheral participation*. Cambridge University Press.

Masschelein, J. (2008). E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. *Educação & Realidade*, 33(1), 35-48.

Molder, M.F. (2007). A diferença entre o ser que diz sempre não e o ser que se contradiz a si próprio. In Frois V (coord. e ed.). *Projecto Rio – Rio, Paisagem e Cidade* (pp. 81-83). Oficinas do Convento.

Morizot, B. (2022). *Ways of being alive*. Police Press.

Motta, R. S. & Ferreira, M. (2022). Agarrando uma “minhocastanha”: naturezas-culturas em um contexto de educação de infância na floresta. *Revista Educação Em Questão*, 60(65). <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2022v60n65ID30266>

Pieper, C. (2007). *Catarina, o Urso e o Pedro*. Kalandraka.

Powers, R. (2023). *Sobre o Céu*. Editorial Presença.

Reggio Children & Escolas e Creches da Infância de Reggio Emilia. (2021). *As cem linguagens em mini-histórias contadas por professores e crianças de Reggio Emilia*. Vozes.

Serralha, F. (2016). Os atuais enfoques teóricos do MEM. *Escola Moderna*, 4, 6ª série, 55-57.

Speldewinde, C., Kilderry, A. & Campbell, C. (2021). All the things children can see: understanding children’s noticing in bush kinders. *Journal of Outdoor and Environmental Education* 24, 151–167. <https://doi.org/10.1007/s42322-021-00080-z>

Tsing, A. (2010). Arts of Inclusion, or How to Love a Mushroom. *Manoa. Wild Hearts: Literature, Ecology, and Inclusion*, 22(2), 191 - 203. Obtido de <https://www.jstor.org/stable/41479491>

Tsing, A. (2019). *The Mushroom at the End of the World: on the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton University Press.

Valente, M., & Ilhéu, M. (2021). *Romances com a Terra: diálogos sobre educação. Lovers of the Earth: dialogues on education*. Caleidoscópio_Educação e Artes Gráficas.
doi:<https://doi.org/10.30618/9789896587130>

Weldemariam, K., & Wals,A. (2020). From Autonomous Child to a Child Entangled within an Agentic World: Implications for Early Childhood Education for Sustainability, In S. Elliott E. Ärlemalm-Hagsér,. & J. Davis(Eds.); *The Anthropocene Researching early childhood education for sustainability: Challenging Assumptions and Orthodoxies*. (pp.13-24). Routledge.

Wells, G. (2001). *Indagación dialógica: Hacia una teoria y una práctica socioculturales de la educación*. Paidós.

Wenger, E. (1998). *Communities of practice: Learning, meaning, and identity*. Cambridge University Press.

Wenger, E., McDermott, R., & Snyder, M. (2002). *Cultivating Communities of practice: A guide to managing knowledge*. Harvard Business School Press.

Zumthor, P. (2006). *Atmosferas: entornos arquitectónicos – as coisas que me rodeiam*. Editorial Gustavo Gili.



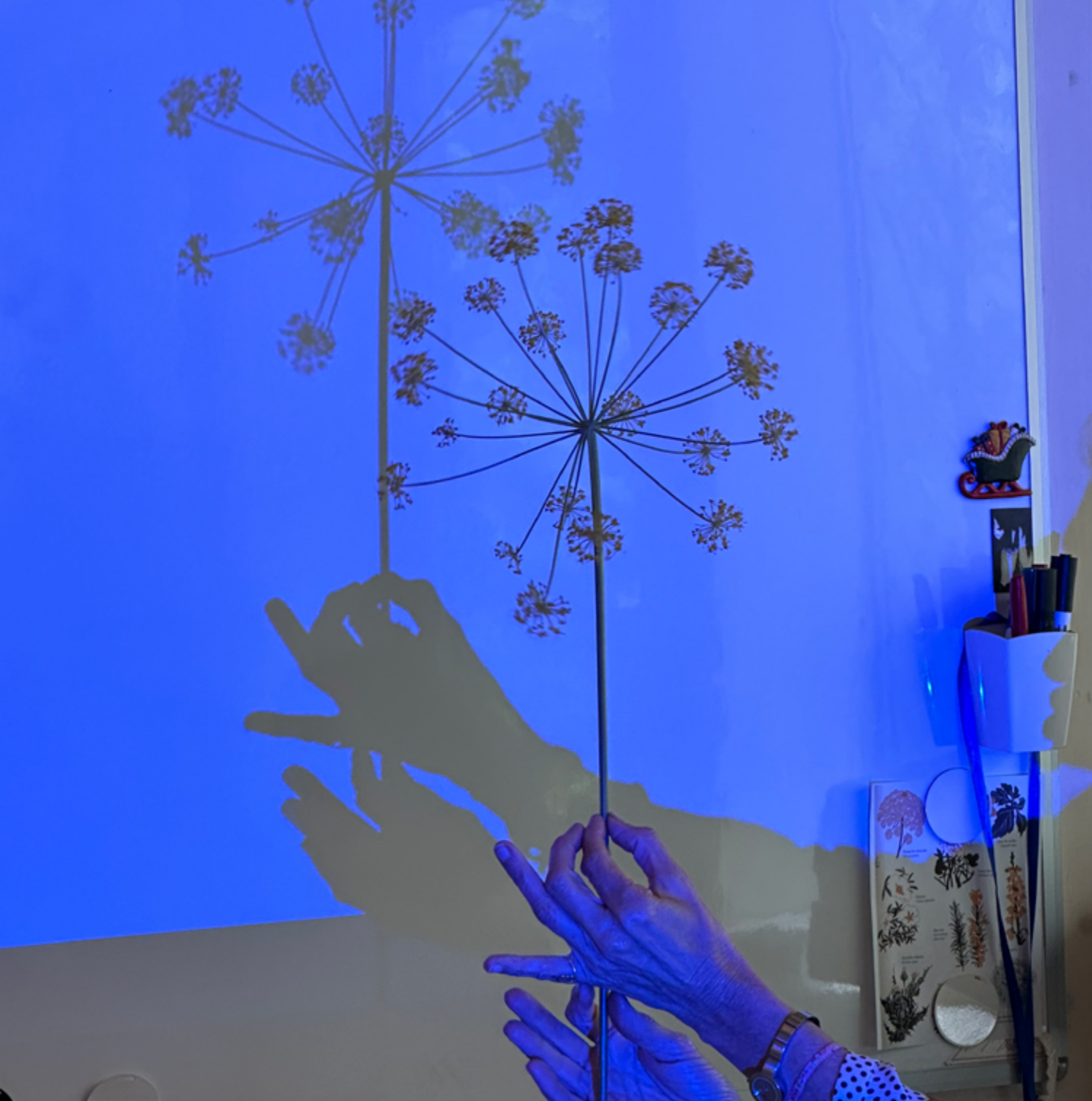








Olhar
escutar
deixar-se
levar...





e-Book



9 789727 784707

Printed Book



9 789727 784691



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO



ciepluê
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia